



Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós Graduação em Ecologia



IZABELA TAIANA SALAZAR ROGÉRIO

**Levantamento etnofarmacológico de plantas medicinais na comunidade
quilombola de São Bento, Santos Dumont, Minas Gerais**

Juiz de Fora
2014

IZABELA TAIANA SALAZAR ROGÉRIO

Levantamento etnofarmacológico na comunidade quilombola de São Bento, Santos Dumont, Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais.

Área de Concentração:
Etnofarmacologia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Sales
Pimenta
Coorientador: Prof. Dr. Leonardo de
Oliveira Carneiro

Juiz de Fora

2014

Nome: ROGÉRIO, Izabela Taiana Salazar

Título: Levantamento etnofarmacológico na comunidade quilombola de São Bento, Santos Dumont, Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eliana Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Prof. Dr. Reinaldo Duque Brasil
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Campus de Governador Valadares

Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Dedico este trabalho a todos moradores de São Bento.

“Para provar novos chás, é preciso esvaziar a xícara.”

Caio Fernando Abreu

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em especial aos meus pais, que foram meu alicerce e conselheiros, exemplos de vida e de vitória, que sempre me incentivaram e me apoiaram na realização desse sonho.

Aos meus orientadores, Daniel Pimenta, Luciana Chedier e Leonardo Carneiro, por me mostrarem “uma nova forma de fazer ciência”, sem eles eu não conseguiria realizar este trabalho.

À minha família e meu irmão Tarsis pelos momentos felizes de descontração que me deram forças para continuar.

Ao meu noivo Glauder por me ajudar a superar as fases difíceis e por ser um exemplo de determinação.

Aos meus amigos, companheiros e grandes colaboradores, Bruno Conde e Aline Moreira, que me ajudaram a enfrentar as dificuldades com muito bom humor e companheirismo, vocês foram peças fundamentais na minha vida assim como neste trabalho, sem vocês nada teria sido realizado.

Aos estagiários e colegas Amanda Surerus, Marina Quintão, Amanda Leandro, Arthur Costa, Elaine Eurico e Felipe Angelo, pela ajuda e boas gargalhadas no trabalho de campo.

Aos companheiros de laboratório, e em especial a Flávia e Ana Cristina, que me ajudaram a resolver problemas diversos.

À comunidade em que o trabalho foi realizado, em especial Sr. Alberto que nos auxiliou em tudo e a Dona Aparecida e sua filha Rosenilda que nos acolheram como uma pessoa da família e alegrava nossos dias com seus sorrisos.

Aos entrevistados: Maria Rosely da Silva Reis, Maria Catarina Dias, João José da Silva, Suely Aparecida da Silva, Mariana das Dores da Silva, Luzia Maria Gomes, José Roberto de Oliveira, Firmina Neta da Silva, Oneida Aparecida dos Santos, Geraldo Inácio da Silva, Margarida Vera da Silva, Maria Inácia de Jesus, Rui César Ferreira, Nivaldo dos Passos, Margarida Maria de Jesus, Maria das Graças de Jesus, Ana Maria das Graças Nascimento Silva, Carmem de Jesus Silva.

Aos professores componentes da banca: Dr^a. Eliana Rodrigues, Dr. Reinaldo Duque, Dr^a Viviane Fonseca-Kruel e Dr^a. Luciana Chedier.

Ao Programa de Pós Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, e em especial aos secretários José Carlos, Márcio Malafaia e Rosimar Cezario.

Ao Programa Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, que me proporcionaram minha qualificação profissional.

À Capes, que proporcionou a bolsa de estudos do mestrado.

E a todos aqueles que estiveram presentes nesse processo.

RESUMO

ROGÉRIO, I. T. S. Etnofarmacologia na comunidade quilombola “São Bento”, Santos Dumont, Minas Gerais. 2014. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

Com suas histórias e estratégias de resistência, descendentes de escravos possuem profundos conhecimentos relativos ao mundo natural. O objetivo do presente estudo foi realizar um levantamento etnofarmacológico na comunidade quilombola São Bento no bioma Mata Atlântica, município de Santos Dumont/MG, Brasil. Foram realizadas entrevistas em todas as casas da comunidade através de formulários semiestruturados, em que se levantaram dados sociais e etnofarmacológicos. Foram identificadas 92 espécies botânicas num total de 46 famílias. As famílias predominantes foram: Asteraceae (18 espécies), Lamiaceae (12 espécies), Rutaceae (6 espécies), Cucurbitaceae (3 espécies) e Myrtaceae (3 espécies). As 30 espécies com maior número de citações de acordo com as suas respectivas categorias de doenças foram selecionadas para coincidência científica. Foi calculada a Frequência (FR), Valor de Uso (UV) e Porcentagem de concordância entre informantes (CUPc) de tais espécies e a confiança em seus usos, além da coincidência farmacológica com a literatura científica. As plantas com maior UV são: *Foeniculum vulgare* Mill., *Plecthrantus barbatus* Andrews, *Ruta graveolens* L. As plantas medicinais ainda são o primeiro recurso terapêutico utilizado na comunidade, porém a maioria das plantas utilizadas é exótica e esse conhecimento nem sempre é repassado. Foi construída uma cartilha com as 23 plantas mais citadas pelos entrevistados, além de informações sobre o histórico e caracterização da comunidade que será devolvida à mesma. O presente trabalho fornece subsídios para futuros estudos farmacológicos e ressalta a necessidade de aproximação entre a sabedoria popular e o conhecimento científico.

ABSTRACT

With their stories and strategies of resistance, descendants of slaves have deep knowledge about the natural world. The objective of this study was to conduct an ethnopharmacological study in community “quilombola” St. Benedict on the Atlantic Forest, the city of Santos Dumont/MG, Brazil. Interviews were conducted in all the houses of the community through semi-structured forms, which raised social and ethnopharmacological data. 92 plant species were identified in a total of 46 families. The predominant families were Asteraceae, Lamiaceae, Rutaceae, Cucurbitaceae and Myrtaceae. The 30 species with the highest number of citations according to their respective categories of disease were selected for scientific coincidence. Frequency (FR), Use Value (UV) and Percentage concordance between informants (CUPc) of such species and confidence in their use was calculated, beyond the pharmacological coincidence with the scientific literature. The plants with higher UV are: *Foeniculum vulgare* Mill, *Plecthrantus barbatus* Andrews, *Ruta graveolens* L. The medicinal plants are still the first therapeutic option used in the community, but most plants are exotic and used this knowledge is not always passed on. A book containing the 23 plants most often cited by respondents was built, as well as information about the history and characteristics of the community which will be returned to the same. This study provides subsidies for future pharmacological studies and underscores the need for rapprochement between the folk wisdom and scientific knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Mapa da comunidade.....	27
Figura 2. Comunidade São Bento. A: Vista sobre a comunidade; B: Igreja de São Bento; C: Casa ao estilo comum na comunidade; D: Moradores pousando para fotos em frente sua igreja.....	34
Figura 3. Primeira reunião de aproximação à comunidade de São Bento.....	28
Figura 4. Primeira reunião de constituição da Associação Comunitária da Comunidade de São Bento.....	52
Figura 5. Apuração dos votos da eleição para os cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro da Associação Comunitária da Comunidade de São Bento.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Profissão dos 19 entrevistados.....	35
Gráfico 2. Percentual de utilização de medicamentos alopáticos entre os entrevistados.....	37
Gráfico 3. Efeito dos medicamentos alopáticos em comparação com as plantas medicinais segundo os entrevistados.....	38
Gráfico 4. Locais de coleta de plantas medicinais dos entrevistados.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Faixa etária dos 19 entrevistados.....	36
Tabela 2. Plantas medicinais utilizadas pela população da comunidade São Bento obtidas por levantamento etnofarmacológico, organizadas de acordo com a frequência de citação dentro da categoria de família mais frequente.....	39
Tabela 3. Categorias de doenças mais frequentes seguidas das espécies mais frequentes dentro das mesmas.....	46
Tabela 4. Porcentagem de citações para cada categoria de doenças e doença mais citada em cada categoria com respectivas porcentagens dentro da mesma.....	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

MMA – Ministério do Meio Ambiente

CDB – Convenção da Diversidade Biológica

ECO – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

SEBRAE- MG – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

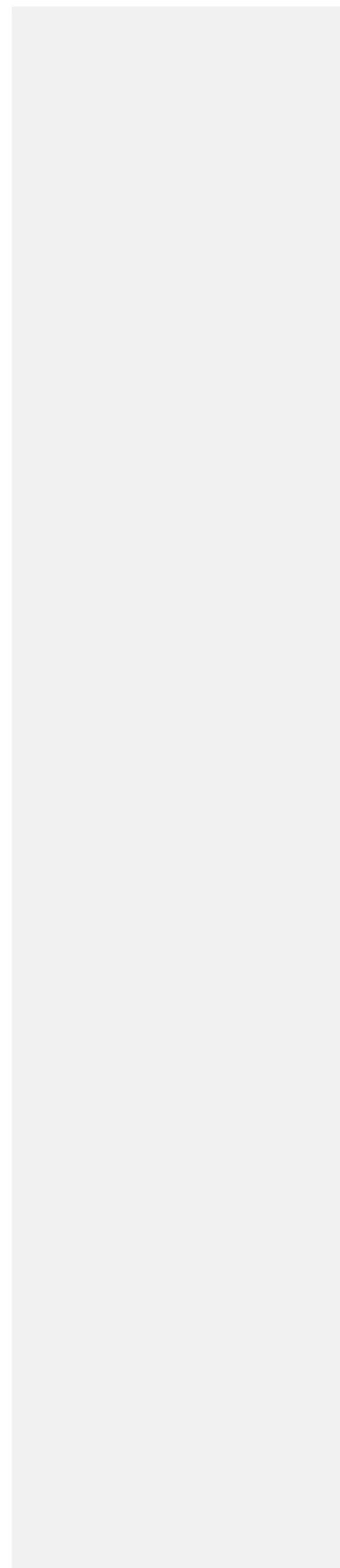
NUGEA – Núcleo de Geografia Espaço e Ação da UFJF

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1 ETNOBIOLOGIA E BIODIVERSIDADE.....	17
2.2 ETNOBOTÂNICA E ETNOFARMACOLOGIA: HISTÓRICO E CONCEITOS.....	18
2.3 MATA ATLÂNTICA.....	19
2.4 COMUNIDADES QUILOMBOLAS.....	20
2.5 CONHECIMENTO TRADICIONAL E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.....	21
2.6 PROTEÇÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL.....	23
2.7 ESTUDOS ETNOFARMACOLÓGICOS REALIZADOS ENTRE QUILOMBOLAS NO BRASIL.....	24
3. OBJETIVOS.....	25
3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	25
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	25
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	26

4.1	ÁREA DE ESTUDO.....	26
4.1.1	LOCALIZAÇÃO.....	26
4.2	ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO Á COMUNIDADE.....	27
4.3	LEVANTAMENTO ETNOFARMACOLÓGICO.....	29
4.4	COLETA E HERBORIZAÇÃO.....	29
4.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4.6	COINCIDÊNCIA FARMACOLÓGICA.....	31
4.7	GRUPOS FOCAIS.....	31
4.8	RETORNO PARA AS COMUNIDADES.....	32
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
5.1	HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE SÃO BENTO.....	33
5.2	CARACTERÍSTICAS GERAIS DA COMUNIDADE SÃO BENTO.....	34
5.3	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	35
5.4	DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS.....	39
5.5	COINCIDÊNCIA CIENTÍFICA E EPIDEMIOLOGIA.....	44
5.6	TROCA DE SABERES.....	50
5.7	CARTILHA E APOIO POLÍTICO-ORGANIZACIONAL.....	50

6 CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXOS.....	66



1. INTRODUÇÃO

Todo grupo humano desenvolve conhecimento acerca do ambiente em que vivem, permitindo uma interação com o mesmo da qual proverá meios para sustentar tal sociedade. (AMOROZO, 1996; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; MOREIRA et al., 2002).

A desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a devastação do ambiente e a intrusão de novos elementos culturais ameaça muito de perto um acervo de conhecimentos empíricos, o que acarreta uma perda de patrimônio genético de valor inestimável (AMOROZO; GÉLY, 1988, p. 49).

A etnofarmacologia é uma ciência que busca a compreensão do universo e dos recursos naturais (plantas, animais e minerais) utilizados para fins de cura por grupos humanos (SCHULTES, 1962). O conhecimento ecológico local de populações tradicionais pode estar relacionado ao manejo e conservação do ambiente como propõe a etnobiologia (POSEY, 1987). Dessa maneira, apresenta-se como uma ferramenta fundamental no processo de elaboração de estratégias de uso dos recursos naturais, por agregar informações de caráter ecológico, social e econômico, que podem resultar em planos de desenvolvimento melhor adaptados às condições locais (BERKES et al., 1998; HANAZAKI, 2002).

No Brasil, comunidades tradicionais como indígenas, caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e caipiras habitam áreas preservadas (ARRUDA, 1999). Dentre essas comunidades estão os quilombolas, descendentes de escravos que possuem um vasto conhecimento sobre a natureza (DIEGUES, 2000), em que se insere os conhecimentos relativos ao mundo das plantas (AMOROZO, 1996).

O Brasil possui altos índices de biodiversidade que, aliado a um processo de miscigenação intenso, resultou numa quantidade de conhecimentos enorme sobre a sua flora. Portanto, levantamentos etnofarmacológicos são ferramentas importantes na descoberta de novos fármacos (RODRIGUES; CARLINI, 2003a). Entretanto, o retorno de benefícios para essas comunidades que possuem tal conhecimento ainda é pouco realizado (ROBINSON; ZHANG, 2011). O conhecimento acumulado por populações

tradicionais compõe um instrumento forte do qual, desenvolvimentistas e conservacionistas podem utilizar no planejamento e manutenção de áreas, segundo Albuquerque e Andrade (2002).

Pesquisadores procuram ferramentas metodológicas para compreender como as pessoas afetam as plantas. Para Hurrell e Albuquerque (2012), Etnobotânica e ecologia se complementam e, portanto reforça a necessidade de aproximação entre ambas as ciências. Sendo assim, a ecologia pode auxiliar a compreender como o comportamento humano pode ser modulado a partir de uma perspectiva ecológica. O avanço dos estudos etnobotânicos atuais vem incorporando métodos e técnicas cada vez mais quantitativas e menos qualitativas, possibilitando a coleta de informações sobre o manejo nas florestas tropicais com interessantes descobertas (PRANCE, 1991).

Ao longo dos anos, a Etnobotânica passou a incorporar abordagens de caráter quantitativo, dados deste tipo podem ser usados como justificativa para a conservação das espécies vegetais e do conhecimento popular, principalmente, por fornecerem informações sobre as espécies e/ou famílias mais utilizadas para diversos fins (VENDRUSCOLO; MENTZ, 2006). Para Prance et al. (1987), este caráter representa um forte instrumento para integrar estudos etnobotânicos com informações biológicas e ecológicas, indo além de simples listas de espécies e usos, visto que as abordagens qualitativa e quantitativa são complementares.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ETNOBIOLOGIA E BIODIVERSIDADE

Uma definição clássica para Etnobiologia é: o estudo das interações das pessoas com seu ambiente, o que a associa com a ecologia humana (ALBUQUERQUE, 2005b). Para Posey (1987), é o estudo dos conhecimentos e conceitos desenvolvidos por qualquer cultura sobre biologia. Dentre os objetivos desta ciência está associar os conhecimentos das ciências naturais e humanas a fim de armazenar todo o conhecimento e uso dos recursos naturais provenientes das comunidades tradicionais (POSEY, 1987).

O ser humano sempre foi dependente das plantas para a sua sobrevivência, utilizando-as para diversas necessidades, causando mudanças vegetacionais e evolutivas no meio botânico (ALBUQUERQUE, 2005a). Para Diegues et al. (1998, 2000,) a natureza é tratada pelo homem moderno como objetos de conhecimento, domesticação e diversos usos, além de inspiração para rituais em sociedades tradicionais.

“A etnobiologia, por meio de seus métodos de pesquisa e de suas interpretações, pode colaborar no desenvolvimento de sistemas de agricultura mais ecológicos e que integrem aspectos do conhecimento tradicional, podendo, como resultado, reduzir os impactos locais sobre os recursos naturais.” (ALBUQUERQUE, 2005b, p. 36)

Nos últimos anos, houve um aumento no interesse por desenvolvimento de sistemas de manejo sustentáveis para a manutenção da diversidade biológica, devido à devastação dos recursos naturais. Porém, muitos desses sistemas excluem as populações tradicionais que vivem nos ecossistemas examinados. Por isso, muitos pesquisadores afirmam que a Etnobiologia e a Etnoecologia podem contribuir para a conservação da biodiversidade e o seu uso sustentável. (ALBUQUERQUE, 2005b; ALBUQUERQUE et al., 2005; ALBUQUERQUE et al., 2010), bem como para retomada de territórios tradicionais como estratégia de etnoconservação (DIEGUES, 2000; DUQUE-BRASIL et al., 2013).

Algumas pesquisas etnobotânicas mostraram que as variadas formas de manipulação dos recursos vegetais pelo homem podem contribuir para o aumento da diversidade genética nesses locais, estando a diversidade cultural intimamente relacionada à diversidade biológica (PRIMACK, 1993). Isso tem despertado o interesse de indústrias farmacêuticas e de produtos

Excluído: .

Excluído: .

naturais para fins biotecnológicos e farmacêuticos, bem como no planejamento e manutenção de áreas de proteção e estratégias de manejo sustentável (ALBUQUERQUE, 2005b; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; AMOROZO, 2002).

2.2 ETNOBOTÂNICA E ETNOFARMACOLOGIA: HISTÓRICO E CONCEITOS

O primeiro pesquisador a definir o termo Etnobotânica foi J.W. Harshberger em 1896. Ele destacava a importância da Etnobotânica para o estudo da cultura de tribos e para a solução de problemas na distribuição de plantas no passado. Porém, a partir do século XX, com uma maior participação de antropólogos, começou a ser entendida como o estudo das inter-relações entre os povos e comunidades tradicionais ou modernos e as plantas (ALBUQUERQUE, 2005a).

Segundo Albuquerque (2005a) a Etnobotânica é parte integrada da Etnobiologia, que estuda o conhecimento desenvolvido por uma cultura sobre os seres vivos e os fenômenos biológicos. Portanto, seu objetivo é “compreender como as pessoas se relacionam com as plantas e quais os relacionamentos produzidos nos diversos sistemas culturais” (p. 6).

A Etnobotânica recebeu muitas definições ao longo dos anos, principalmente por estar na fronteira entre a botânica e a antropologia. No início sofreu forte tendência à associação com estudos de sociedades indígenas, porém, ao longo do tempo o campo se ampliou para outros grupos humanos, como por exemplo, o estudo de cultos afro-brasileiros, ribeirinhos, caiçaras, seringueiros e caipiras (ALBUQUERQUE, 2005a). Atualmente, a Etnobotânica é compreendida como o estudo das inter-relações diretas entre humanos e plantas (FORD, 1978; ALEXIADES, 1996) em sistemas dinâmicos (HANAZAKI, 2004; ALCORN, 1995).

A Etnofarmacologia é uma disciplina recente que busca compreender o universo dos recursos naturais (plantas, animais e minerais) utilizados para fins de cura por grupos humanos (SCHULTES, 1962), que abrange as ciências biológicas e as sociais devido o seu caráter interdisciplinar (ETKIN; ELISABETSKY, 2005). A palavra Etnofarmacologia apareceu pela primeira vez no evento “*Ethnopharmacological search for new psychoactive drugs*” em 1967, porém o conceito já havia sido apresentado em PHANTASTICA de Louis Lewin.

Exploração científica interdisciplinar de agentes biologicamente ativos, tradicionalmente empregados ou observados pelo homem. Essa é a definição dada por Bruhn

e Holmsted (1981) para Etnofarmacologia. Para Schultes (1988), essa ciência é uma subárea da Etnobiologia e faz referência ao uso médico de plantas medicinais e animais por sociedades primitivas. Segundo Carlini (1983), pode ser utilizada para a descoberta de novos medicamentos, fornecendo informações para outros pesquisadores das áreas de fitoquímica e farmacologia.

2.3 MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é uma das florestas tropicais mais devastadas do mundo (ROCHA et al., 2003) e possui uma fitofisionomia muito diversificada, sendo muito importante para os outros ecossistemas do Brasil além de exercer influência direta na vida de pelos menos 80% da população brasileira (DOSSIÊ MATA ATLÂNTICA, 2001). Abrange a região costeira do Brasil. A paisagem é conhecida como domínio de “mares de morros” e a classificação da fitofisionomia predominante na Zona da Mata Mineira, onde se realizou o presente estudo, é Floresta Estacional Semi-decídua (Ab’Sáber, 2003). O clima é tropical úmido com invernos secos e verões chuvosos, de acordo com a Classificação climática de Köppen-Geiger.

Segundo Ab’Sáber (2008), restam apenas 7% da mata original e devido a pressão antrópica e seu alto grau de endemismo, tornou-se um problema para a conservação no Brasil (ROCHA et al., 2003). Cerca de 15 a 20% das espécies catalogadas até hoje são nativas do Brasil (IPEA, 2010) e estima-se que nem 1% da biodiversidade brasileira foi identificada até o momento (IBAMA, 2010).

O início da destruição da Mata Atlântica começou com a chegada dos portugueses em 1500. Mesmo sendo ocupada por milhares de grupos indígenas que já praticavam a agricultura, esses povos não ofereciam ameaça de destruição da cobertura florestal, pois nos documentos registrados pelos primeiros “descobridores” não havia registro de destruição. Foram muitos os ciclos de exploração e desmatamento, antes da exploração do ouro e das pedras preciosas houve a exploração do pau-brasil (DOSSIÊ MATA ATLÂNTICA, 2001). A maior da devastação da Mata Atlântica aconteceu devido à cultura cafeeira durante o século XIX, que desmatou as regiões do interior do sudeste, o qual compreende a Serra da Mantiqueira e Serra do Mar (BOSCOLO, 2011). Este bioma possui extrema importância, exercendo influência direta na vida de mais de 80% da população brasileira residente em suas áreas (DOSSIÊ MATA ATLÂNTICA, 2001).

Excluído: ¶
¶

2.4 COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Conforme Albuquerque et al. (2005), a chegada dos povos africanos contribuiu para o desenvolvimento de uma nova realidade cultural, visto que suas crenças e conhecimentos influenciaram o contexto florístico e cultural do Brasil. Além disso, a troca recíproca com os índios e europeus proporcionaram um intercâmbio de espécies vegetais, havendo portanto uma substituição de algumas plantas pelas espécies nativas brasileiras nas práticas rituais. “O elenco de espécies vegetais que hoje compõem o quadro da botânica afro-brasileira resulta de transformações sofridas ao longo do tempo, para as quais se conjugam fatores fitogeográficos, florísticos e culturais” (ALBUQUERQUE et al., 2005, p. 69).

A palavra “quilombo” significa acampamento guerreiro na floresta, se referia às populações constituídas por escravos fugidos, portanto tem um forte significado no movimento de resistência e luta contra a dominação colonial (LEITE, 2008). “Toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”, esse é o conceito de comunidade quilombola denominado pelo conselho Ultramarino de 1740, que perdurou até os anos 70 (SCHMITT et al., 2002). Antes era usado de maneira discriminatória e pejorativa, hoje representa a identidade cultural utilizada estrategicamente na luta pelo território. Em 1988, a Constituição Federal reconhece a diversidade étnica e cultural do Brasil, instituindo o Artigo 68 do seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

Para Diegues e Arruda (2001), os quilombolas são descendentes de escravos negros que residem em territórios comunitários, que foram doados ou deixados por outros proprietários de antigas fazendas, sendo assim não possuem escritura dos mesmos. Recentemente, os quilombos ganharam notoriedade social devido à luta pelos territórios tradicionais. Geralmente sobrevivem da agricultura, artesanato, extrativismo ou da pesca dependendo das condições da região em que estão situados.

Conforme o INCRA (2012), as comunidades tradicionais quilombolas são: “grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias”. De acordo com o Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003:

Excluído: ¶

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003).

Segundo (NAZARETH; FERNANDES, 2009) existem 1.248 comunidades remanescentes de quilombos no Brasil sendo 400 no estado de Minas Gerais, porém INCRA (2012) estima que sejam mais de três mil em todo país. Existem em todo Brasil 1.281 processos de regularização de territórios quilombolas em andamento de acordo com o INCRA (2012). Porém, apenas uma teve seu território reconhecido e demarcado pelo governo federal em 2011 (Brejo dos Crioulos) e outras tantas continuam na “fila de espera”.

2.5 CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Historicamente, comunidades tradicionais do mundo todo adquiriram conhecimentos sobre a biodiversidade local e desenvolveram uma variedade de finalidades para tal, sendo assim, usaram e transmitiram esses conhecimentos para as novas gerações (MMA, 2012).

O termo conhecimento tradicional significa um conjunto de conhecimentos, práticas e crenças sobre as relações das pessoas com o ambiente, que passa por adaptações ao longo das gerações e é repassado por transmissão cultural (BERKES, 1998). São experiências e saberes acumulados por um grupo humano sobre os seus recursos naturais (ALBUQUERQUE, 1997; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002), conhecimento este que é dinâmico e mutável e não se restringe aos organismos, incluem também percepções sobre a paisagem, geomorfologia e a relação entre os seres vivos (ALBUQUERQUE, 2005b).

Para Diegues (1998, p.87 e 88) aponta como características dessas populações:

a dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constroem um modo de vida; conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais.

Uma vez que o conhecimento tradicional, unido ao conhecimento científico, pode oferecer modelos de uso sustentável dos recursos naturais, justifica-se a realização de tais estudos para se efetuar análises detalhadas de práticas impactantes e/ou preservacionistas da biodiversidade (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Algumas plantas possuem elevada importância cultural, conforme Albuquerque (2005a) “muitas plantas, sejam isoladas ou em combinação com outros elementos, podem ter um papel no mecanismo de regulação social de uma sociedade. Isto porque passam a exercer certo controle sobre os indivíduos, ditando normas e padrões comportamentais” (p. 11).

Segundo Albuquerque et al. (2010), houve uma época em que o saber tradicional era subestimado, hoje existe uma busca de cooperação de saberes. Portanto, devemos pensar em fazer uma ciência que atenda as aspirações da comunidade local, da sociedade e da comunidade científica. Posey (1987) afirma que o estudo do conhecimento tradicional produz alternativas e tem sido benéfico para o conhecimento acadêmico e que essas comunidades manejam os recursos do seu ambiente fundamentados em uma visão conservacionista e sistêmica da natureza.

O conhecimento dos ciclos biológicos que essas comunidades possuem permite explorar os recursos de acordo com a capacidade suporte da natureza (ALBUQUERQUE, 2005b; DIEGUES, 2000; ROBINSON, 1997). Segundo Gadgil et al. (1993), o conhecimento tradicional contém informações valiosas sobre o papel que as espécies exercem em sistemas ecológicos sustentáveis. Sendo assim, o conhecimento tradicional pode auxiliar em novas investigações e pesquisas que tem como objetivo a construção de modelos de manejo sustentável nos ecossistemas tropicais. De acordo com Albuquerque et al. (2010), as informações levantadas em estudos etnobotânicos têm aplicação direta na conservação e uso sustentável de recursos tropicais.

Mesmo defendendo que a conservação da diversidade de culturas é importante, o modelo conservacionista dominante defende que as populações tradicionais, que habitam unidades de conservação, devem se manter imutáveis num padrão cultural permanente, entretanto essa ideia, muitas vezes impede as mesmas de fazerem uso dos recursos naturais que lhes garante a sobrevivência (Diegues, 1998).

A estratégia de conservação adotada nas políticas públicas brasileiras mostrou-se falha em muitos aspectos já apontados por diversos autores dentre eles (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Os processos de expropriação tem sido muito discutido por especialistas de diversas áreas, como agrônomos, antropólogos, biólogos e geógrafos, com o objetivo de melhor compreender as relações entre homem e natureza e sociedade.

2.6 PROTEÇÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL

Há muito tempo os recursos genéticos e os conhecimentos tradicionais envolvidos têm sido utilizados indevidamente, muitas vezes os detentores desses conhecimentos não são consultados e não recebem nenhum benefício econômico quanto ao uso desses recursos. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) estabelecida na ECO-92, propôs um Grupo de Trabalho sobre Conhecimento Tradicional que visa organizar e facilitar as discussões entre os governos, comunidades indígenas e locais e outras partes interessadas, estabelecendo que “os governos devem respeitar, preservar, manter e promover o uso dos conhecimentos tradicionais com a aprovação transparente e ampla participação das comunidades indígenas e locais pertinentes” (MMA, 2000). Mais tarde, o decreto nº 2.519, de 16 de Março de 1998, veio para promulgar a CDB (BRASIL, 1998).

Com base nas afirmações acima, torna-se relevante o estudo da comunidade quilombola São Bento inserida na Zona da Mata Mineira, a fim de conhecer e valorizar o conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais que essa comunidade possui, visando o entendimento da relação entre as pessoas e as plantas, a contribuição para a conservação deste bioma tão ameaçado e a conservação da cultura local, visto que essa comunidade ainda não foi caracterizada.

2.7 ESTUDOS ETNOFARMACOLÓGICOS REALIZADOS ENTRE QUILOMBOLAS NO BRASIL

São poucos os levantamentos etnofarmacológicos realizados com comunidades quilombolas no Brasil, entre eles podemos citar: Rodrigues e Carlini (2003a) no Quilombo Mata-Cavalos, no município de Nossa Senhora do Livramento perto de Cuiabá-MT, Amorozo e Gély (1988) no município de Barcarena próximo à Belém-PA, Monteles e Pinheiro (2007)

no Quilombo Sangrador, no município de Presidente Juscelino-MA e Franco e Barros (2006) no Quilombo Olho D'água dos Pires, em Esperantina-PI.

Também existem poucos estudos sobre plantas com interesses farmacológicos específicos entre quilombolas, como o estudo da planta “saracuramirá” (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke) utilizada por comunidades quilombolas do município de Oriximiná-PA (OLIVEIRA et al., 2011), o estudo dos óleos essenciais presentes na fumaça do cigarro "tira-capeta", utilizado por quilombolas que vivem em áreas úmidas do Pantanal do Brasil (NEGRI, RODRIGUES, 2010).

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVOS GERAIS

Realizar um estudo etnofarmacológico na comunidade quilombola São Bento, Santos Dumont, Minas Gerais.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar posicionamento das plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola São Bento, município de Santos Dumont/MG, avaliando a frequência de citações, o valor de uso e concordância dos participantes quanto às finalidades terapêuticas dessas plantas;
- Contextualizar as plantas estudadas quanto a sua inserção no âmbito da biodiversidade local, sugerindo ideias de cultivo e conservação das espécies nativas;
- Registrar e retornar o conhecimento tradicional relativo às plantas medicinais utilizadas pela comunidade na forma de compêndio impresso;
- Caracterizar a comunidade e descrever traços importantes da cultura local.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 ÁREA DE ESTUDO

4.1.1 Localização

O estudo foi realizado na comunidade quilombola de São Bento, distrito rural localizado no município de Santos Dumont, Minas Gerais.

A comunidade está inserida na mesorregião da Zona da Mata e faz parte do complexo da Serra da Mantiqueira, que tem sua paisagem caracterizada pelos “Mares de Morros” com extensas cadeias de montanhas (AB’SÁBER, 2003). Está localizada a cerca de 1000 m acima do nível do mar e é rodeada predominantemente por pastagens e monocultivos de eucalipto. No território da comunidade existem diversos fragmentos florestais classificados como Floresta Estacional Semidecidual, pertencentes ao Bioma Mata Atlântica.

Segundo SEBRAE-MG (1999), a região apresenta clima caracterizado por duas estações diferenciadas: uma de outubro a abril, com temperaturas mais elevadas e maiores precipitações, e outra de maio a setembro, cujas temperaturas são mais brandas e quando ocorrem estiagens. Esse período mais seco é curto e dura de 2 a 3 meses, coincidindo com o inverno. O total pluviométrico varia em torno 1.500 mm. A temperatura média anual é de aproximadamente 20°C, sendo que a média das máximas é de 21°C e a das mínimas, de 19°C.

Situada aproximadamente a 26 km do centro urbano do município de Santos Dumont, o principal acesso à comunidade São Bento se dá por estrada não asfaltada, que se inicia na sede municipal, passando pela comunidade de Nova Dores e a leste da represa de Chapéu D’Úvas.

A Figura 1 mostra localização da comunidade quilombola São Bento através do Google Earth acessado no dia 21/08/2013.

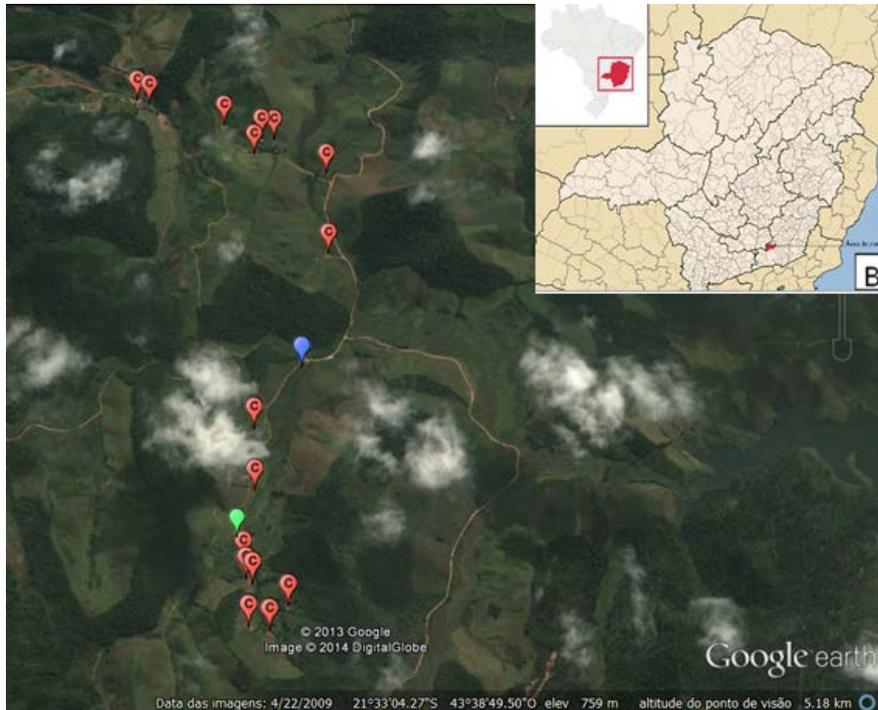


Figura 1 - Mapa da comunidade quilombola São Bento. Vermelho = casas, Verde = Igreja, Azul = Escola. Fonte: Google Earth, B = Mapa de Minas Gerais, com destaque, em vermelho, da área de estudo.

4.2 ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO À COMUNIDADE

O primeiro contato com a comunidade aconteceu em um evento realizado em 2011 pelo Professor Leonardo Carneiro do Núcleo de Geografia Espaço e Ação da UFJF (NUGEA), que trabalha com comunidades quilombolas da Zona da Mata Mineira. O líder Alberto Nascimento demonstrou interesse nos trabalhos realizados pela equipe do NUGEA e o convidou para fazer uma visita à comunidade.

No dia 17 de março de 2012, realizou-se a primeira visita à comunidade e a partir de então, estratégias de aproximação como o método de observação participante foram utilizadas em busca de uma parceria com a comunidade, seguindo a metodologia utilizada por Albuquerque e Lucena (2004) e Albuquerque et al. (2010), com realização de algumas

reuniões para a contextualização e explicação do projeto de trabalho à comunidade (FIGURA 3).



Figura 3 - Primeira reunião de aproximação à comunidade de São Bento. Em destaque: 1- Professor Leonardo Carneiro. 2 – Executora da pesquisa. Fonte: Acervo Pessoal.

Outra forma de aproximação utilizada foi a realização do evento intitulado KIZOMBA NAMATA na Universidade Federal de Juiz de Fora (ANEXO 1 e 2), realizado em parceria com o NUGEA nos dias 26, 27 e 28/10/2012. As comunidades convidadas foram: Botafogo (Município de Tabuleiro), Colônia do Paiol (Município de Bia Fortes), São Bento e São Sebastião da Boa Vista (Município de Santos Dumont), São Pedro de Cima (Município de Divino), além da comunidade de São José como convidada especial vindo do Estado do Rio de Janeiro (Município de Conservatória, RJ). O objetivo do encontro foi fomentar um espaço de diálogo entre essas comunidades sobre os processos de identificação e de demarcação das terras quilombolas e contou com conferências, mesas-redondas, diálogos direcionados, oficinas, exposição de fotografias e apresentações culturais.

Segundo os preceitos e diretrizes do CGEN/MMA nº 279, de 20 de setembro de 2011, de acordo com a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001 e do Decreto nº 3.945, de 28 de setembro de 2001, foi concedido à referida pesquisa a autorização de Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético, mediante publicação no

Diário Oficial da União, nº 28, do dia oito de fevereiro de 2013, em conformidade com o Processo nº 01450.010839/2012-62 (Anexo 3 e 4).

4.3 LEVANTAMENTO ETNOFARMACOLÓGICO

A coleta de dados etnofarmacológicos foi realizada no período de setembro de 2012, fevereiro a abril de 2013 em todas as casas da comunidade, através da aplicação de 19 questionários semi estruturados, seguindo o modelo de Alexiades (1996) onde perguntas abertas e fechadas são alternadas. Foram realizadas sete inserções a campo com três dias médios de duração. Baseado em estudos etnofarmacológicos como o de Schardong e Cervi (2000) e Mendonça-Filho e Menezes (2003) que demonstraram a detenção do conhecimento sobre plantas medicinais na faixa etária mais elevada, procurou-se entrevistar o morador com mais idade de cada casa.

Na primeira parte do questionário, foram levantados dados pessoais e outras informações pertinentes para a descrição do quadro epidemiológico da comunidade (Anexo 5). Na segunda parte, foram coletados dados sobre as plantas medicinais. Ao final de todas as entrevistas foi solicitado aos informantes que assinassem um Termo de Consentimento que esclarecia os objetivos bem como os responsáveis pelo projeto.

Quando os entrevistados disseram fazer uso de animais para fins terapêuticos e não foi possível a coleta, devido ao porte do animal ou a dificuldade de encontra-los, foram utilizadas como fotos da literatura para a identificação, seguindo a metodologia de Garcia et al. (2010).

4.4 COLETA E HERBORIZAÇÃO

Para a coleta das plantas medicinais foi utilizado o método de turnês guiadas (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004), onde os informantes levaram os pesquisadores aos seus locais de coleta durante as entrevistas. Nessa etapa foram aplicados os métodos de observação direta em caminhadas livres (*walk-in-the-woods*) (PHILLIPS; GENTRY, 1993; ALEXIADES, 1996). As coletas foram acompanhadas de anotações sobre o uso e, quando

possível, foram capturados registros de vídeo e imagem (filmadora Sony SR82) (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Segundo Albuquerque et al. (2010), esse método também chamado de turnês guiadas é fundamental para validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas, visto que podem variar muito entre pessoas da mesma comunidade.

Ao longo de 2013 e 2014, foram realizadas várias viagens a campo para se coletar as plantas que não foram obtidas durante as entrevistas. Através do método molhado (ALEXIADES, 1996), os espécimes coletados foram preparados em folhas de jornal, umedecidas em solução de álcool etílico e água para serem preservados até o Herbário CESJ da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde foram prensados e secos em estufa. Os dados botânicos utilizados para as coletas foram: hábito, floração, frutificação, origem e local de coleta, de acordo com o modelo de ficha proposto por Lipp (1989). As exsicatas produzidas foram encaminhadas para identificação e tombamento no Herbário CESJ e o material botânico não fértil foi previamente identificado através de comparação com amostras do Herbário CESJ e com os registros de imagens dos Herbários Virtuais Auguste de Saint-Hilaire e Missouri Botanical Garden.

Para confirmação dos nomes científicos, a origem e o hábito das plantas citadas foram utilizados Lorenzi e Matos (2008), a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013) e o site The Plant List (2014). Para as plantas nativas utilizou-se Stehmann et al. (2009) para classificar as pertencentes à Floresta Atlântica, e para verificar quais espécies eram ameaçadas, utilizou-se a Lista Vermelha da IUCN e Martinelli e Moraes (2013).

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os cálculos estatísticos utilizados foram: índice de Valor de Uso (UVs) que estima a versatilidade das plantas quanto a suas formas de uso (PHILLIPS; GENTRY, 1993), Cálculo de Porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais (CUPc) estima a concordância sobre o uso principal da planta (AMOROZO; GÉLY, 1988) e frequência de citação que determina o quanto uma planta é conhecida na comunidade (ALBUQUERQUE et al. 2010).

Para o cálculo do valor de uso de uma espécie para um informante (UVis) foi utilizada a fórmula $UVis = \sum Uis / nis$, onde Uis corresponde ao número de usos mencionados pelo informante para a espécie e nis ao número de entrevistas feitas com o informante. Porém,

neste trabalho nis é sempre 1 (um) para todas as espécies, visto que foi realizada somente uma entrevista por informante. Portanto, o valor de UVis será igual ao de Uis. Para o cálculo do Valor de Uso de cada espécie (UVs) foi utilizada a fórmula $UVs = \sum UVis/n$, onde UVis equivale ao valor de uso de uma espécie para um informante e n é o número total de informantes entrevistados. O valor de n corresponde ao valor de ns referido por Phillips e Gentry (1993).

O CUPc se obtêm a partir do Cálculo de Porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais - CUP - (mais citados) para a espécie em questão, proposto por Amorozo e Gély (1988). O número de informantes que citaram o uso principal vezes 100, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie resulta no CUP, representado na fórmula $CUP = n^{\circ} \text{ de informantes que citaram uso principal} \times 100 / n^{\circ} \text{ de informantes que citaram uso da espécie}$. Devido às diferenças no número de informantes que citaram usos para cada espécie, é necessária a utilização de um Fator de Correção (FC), obtido a partir da divisão do número de informantes que citaram usos para a espécie, pelo número de informantes que citaram a espécie principal, ou seja, com maior número de usos referidos ($FC = n^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie} / n^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie mais citada}$). Portanto, multiplica-se CUP por FC e obtêm o CUPc.

Para se estimar a frequência, utilizou-se a seguinte regra de três, em que o número total de citações correspondia a 100% e o número de citações para determinada planta correspondia a X.

4.6 COINCIDÊNCIA ETNOFARMACOLÓGICA

As citações etnofarmacológicas fornecidas pelos entrevistados foram conferidas com literaturas científicas obtidas através de revisões realizadas nos principais bancos de dados, como *Chemical Abstracts*; *International Pharmaceutical Abstracts*; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; *Analytical Abstracts*; OLDMEDLINE e PUBMED.

4.7 GRUPOS FOCALIS

No dia 01/09/2013 foi realizada uma atividade conjunta intitulada “Troca de Saberes” com toda a comunidade visando à confirmação das espécies, e seus usos medicinais, das 23 plantas mais citadas pelos entrevistados, visto que *a posteriori* fariam parte da cartilha desenvolvida com os conhecimentos etnobotânicos registrados durante a pesquisa, além de coletar outras informações como histórias sobre a formação da comunidade entre outros. Conforme Albuquerque et al. (2010), “Os grupos focais são empregados como estratégia de coleta de informações que privilegia um espaço de interação entre o grupo e o pesquisador.”

Segue abaixo a programação do evento.

Programação Troca de saberes

9:00-9:30 Abertura

9:30-11:00 Apresentação das plantas mais citadas e confirmação dos usos principais quanto as plantas medicinais

11:00-12:00 Linha do tempo

1. Época em que a comunidade foi fundada
2. Primeiros moradores
3. Eventos mais importantes

12:00-14:00 Almoço com troca de saberes e sabores

4.8 RETORNO PARA AS COMUNIDADES

Como retribuição à comunidade foi elaborada uma cartilha, a fim de registrar as práticas e as plantas bem como um pouco da história e cultura local, e devolver o conhecimento tradicional interligado ao científico para a comunidade. Tal método foi utilizado para confecção de materiais semelhantes por Sieber e Albuquerque (2010), Fonseca-Kruel et al. (2006), Hanazaki et al. (2007) e Rios et al. (2001). O conteúdo da cartilha será composto de informações das 23 plantas mais citadas pelos entrevistados, histórico e características da comunidade, além de outras informações sobre comunidades quilombolas no Brasil.

Foi prestado auxílio no desenvolvimento da organização comunitária para a criação de uma associação de moradores e obtenção do Certificado de Associação Quilombola através do Programa Brasil Quilombola. De acordo com Sieber e Albuquerque (2010), o apoio político-organizacional também é uma forma de retorno.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE SÃO BENTO

Estima-se que a comunidade de São Bento possua mais de 150 anos. Os nomes dos moradores mais antigos são Joaquim Inácio, José Inácio, Sebastião José Aleixo, João Ferreira Dias e José Hananias. Estes são avós de muitos dos atuais moradores da comunidade e trabalhavam como escravos para os fazendeiros da região. Os fazendeiros mais importantes eram José Custódio e Júlio Marinho. A família mais antiga é a Nascimento, vindo depois dos Silva. Os primeiros moradores eram tratados ainda como escravos dos fazendeiros, os quais lhe davam trabalho nas suas terras e pagavam quantias irrisórias por ele. Havia algumas fábricas de queijo e laticínios nas redondezas, as quais fizeram com que a comunidade crescesse fornecendo muitos empregos.

Segundo relatos de alguns moradores, este tratamento, assemelhando-se à escravidão perdurou até 1960, os trabalhadores ainda eram muito mal pagos e não tinham nenhuma garantia de melhores condições de trabalho. Muitas vezes o salário era pago com comida e laranja. Relatos lembram que durante a escravidão os escravos recebiam um preço o qual era de acordo com a grossura das suas canelas. As pessoas que tinham a “canela mais fina” eram vendidas por um preço maior do que as pessoas que tinham “canela mais grossa”.

A comunidade foi nomeada aproximadamente há 60 anos durante a construção da primeira capela para orações dedicadas a São Bento. O nome foi dado pelo fazendeiro José Custódio, homem muito devoto que percorrendo à cavalo as trilhas de cavaleiros com alguns empregados disse que batizaria a comunidade de Vera Luz de São Bento, pois este era o santo padroeiro dos trabalhadores do campo e lhes protegeria das cobras que viviam nos pastos e caminhos da comunidade. A construção era de pau a pique e barro e foi erguida pelos próprios moradores.

A construção da Igreja foi um marco para a comunidade. O padre que ministrava na época era o Frei Gilberto e a fundação foi benzida pelo Frei João. Havia 27 casas sendo ramos de quatro famílias principais. O terreno foi doado por um fazendeiro e através de várias festas juntamente com os dízimos da comunidade, conseguiram comprar os materiais para a construção da Igreja.

Antigamente os moradores participavam de um grande encontro de comunidades rurais e negras da região no dia 20 de novembro, mas com o passar do tempo abandonaram essa tradição.

Este histórico foi realizado a partir de relatos e observações em campo, não existem outros documentos acerca da comunidade São Bento. O conflito de terras é velado, os moradores não comentam sobre o assunto pois tem medo de perder suas casas.



Figura 2 - Comunidade São Bento. A: Vista sobre a comunidade; B: Igreja de São Bento; C: Casa ao estilo comum na comunidade; D: Moradores pousando para fotos em frente à sua igreja. Fonte: Acervo pessoal.

5.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA COMUNIDADE SÃO BENTO

A maioria das 19 casas é isolada ou distante entre si, sendo construídas em meio à vegetação nativa. Existe uma escola de Ensino Fundamental na qual estudam as crianças mais novas, as crianças mais velhas estudam em Nova Dorés e Santos Dumont e o transporte é concedido pela prefeitura. O local não possui telefone público e a comunicação dos moradores é feita por telefones celulares. O acesso à Santos Dumont é

muito restrito, só existe uma linha de ônibus que faz o percurso, apenas uma vez por semana às quartas-feiras. A assistência básica à saúde é realizada uma vez por mês, por médicos, enfermeiras e técnicas de enfermagem que vão até a comunidade para realizar consultas e entregar os remédios aos moradores. Porém, nem sempre este serviço é prestado, sendo necessário ir até Santos Dumont para ter acesso à rede pública de saúde.

5.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas 19 pessoas, sendo 13 mulheres, sendo todas donas de casa, entre elas uma benzedeira que realiza rituais de cura, e seis homens, aposentados e trabalhadores rurais (Gráfico 1).

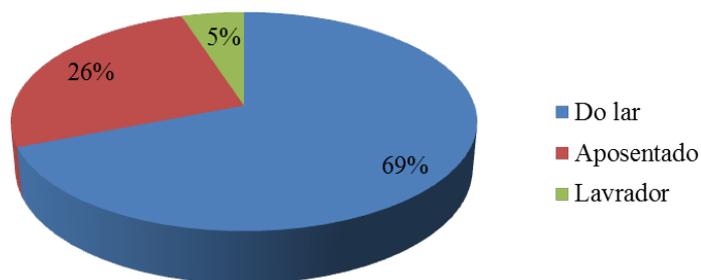


Gráfico 1 - Profissão dos 19 entrevistados.

Em relação aos dados obtidos com os entrevistados, observa-se que a média de idade foi de 62 anos (Tabela 1). Para Viu et al. (2010) a predominância das mulheres é justificada por, ao longo da história, a responsabilidade com as tarefas domésticas e o cuidado das crianças se destinava a elas, que se encarregavam do tratamento caseiro das doenças mais simples através de plantas.

Tabela 1 - Faixa etária e sexo dos 19 entrevistados.

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total	Frequência relativa %
25 – 35	-	4	4	21
36 – 45	-	2	2	10,5
46 – 55	1	3	4	21
56 – 65	2	1	3	15,8
66 – 75	3	3	6	31,6
Total	6	13	19	100

Todos entrevistados relataram ser católicos. É notória a influência e importância do Catolicismo nessas comunidades, segundo Mello e Souza (2002), essa religião permitiu os escravos a ligarem-se com seu passado africano, pois sua cultura foi transformada e incorporada por valores cristãos resultando numa miscigenação de santos e festas. Portanto, tornou-se um elemento importante para se formar as novas identidades africanas hoje existentes. Quanto à origem, apenas cinco nasceram fora da comunidade. Segundo Lima (1996), quanto maior o tempo de residência em um determinado local, melhor preservado fica o conhecimento etnobotânico.

Em relação à escolaridade, oito são analfabetos, dez possuem Ensino Fundamental completo e apenas um possui Ensino Superior.

A maioria dos entrevistados relatou ter aprendido seus conhecimentos sobre plantas medicinais com familiares, principalmente avós e pais e 73% dos informantes disseram repassar seus conhecimentos para seus familiares, principalmente para os filhos. De acordo com Amorozo (1996), estes conhecimentos são transgeracionais, ou seja, perpetuados oralmente através do contato entre as gerações. 68% dos entrevistados recomendam plantas medicinais e são procurados geralmente uma vez por mês por outras pessoas da comunidade para se tratarem ou pegar plantas, isso confirma a importância dessas pessoas para a comunidade e não só para a casa onde moram. Foi observada a interação entre as casas quanto ao uso das plantas medicinais.

Quando perguntados se utilizavam algum outro recurso natural não vegetal para o tratamento de doenças, 90% responderam que não utilizam e os demais relataram utilizar osso e gordura de capivara no tratamento de reumatismo e ferradura de cavalo, como fonte mineral, contra anemia. A utilização de animais para uso terapêutico em comunidades quilombolas também foi observado por Rodrigues (2006).

Sobre a utilização de medicamentos alopáticos, 85% afirmaram fazer o uso dos mesmos (Gráfico 2), porém o Gráfico 3 aponta que a maioria dos entrevistados acreditam que o efeito do remédio sintético é menor do que o efeito da planta medicinal. Como os entrevistados podem também ser considerados referenciais, já que 68% são também procurados por membros da comunidade, conforme descrito acima, o fato destes entrevistados utilizarem medicamentos alopáticos é paradoxal.

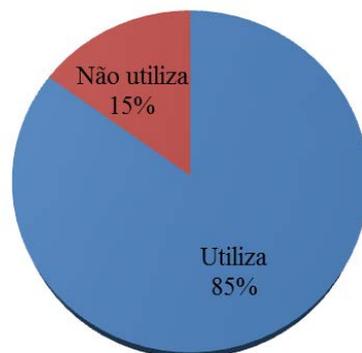


Gráfico 2 - Percentual de utilização de medicamentos alopáticos entre os entrevistados.

Todos possuem acesso ao Sistema Único de Saúde, apenas uma pessoa não utiliza e disse não confiar em tal sistema, sendo que a maioria vai ao médico mensalmente. Dos entrevistados apenas sete relataram informar ao médico que utilizam plantas medicinais para tratar doenças. Quando perguntados os motivos de tal omissão as respostas foram: por não confiar ou por vergonha ou por medo de preconceito por parte do médico ou porque o próprio médico não questiona o paciente sobre isso na anamnese. Esse comportamento também foi observado por Conde (2012) em bairros urbanos de Juiz de Fora.

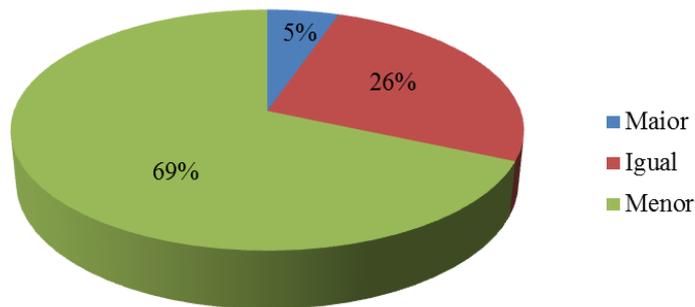


Gráfico 3 - Efeito dos medicamentos alopáticos em comparação com as plantas medicinais segundo os entrevistados.

Em relação ao local de coleta da população, aproximadamente 79% dos entrevistados utilizam os próprios quintas para adquirir plantas medicinais, como mostrado no Gráfico 4, o que corrobora os resultados de Silva e Proença (2008), visto que observaram grande riqueza de espécies cultivadas em quintais no estudo realizado. Em algumas residências as plantas estão distribuídas aleatoriamente nos quintais, em vasos ou em hortas, em outras estão divididas em canteiros bem definidos, e as árvores ali presentes também são utilizadas como fonte de alimento e não só pelas propriedades medicinais que apresentam.

Os quintais combinam espécies nativas e exóticas, se tornando assim fonte primária de recursos terapêuticos e podendo ainda contribuir para a diversidade local da comunidade (DUQUE-BRASIL et al., 2011; OAKLEY, 2004). Para Oakley (2004, p. 37), “os quintais domésticos são reservatórios de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora”. Como reservatórios, possuem uma diversidade rica, sendo fundamental na alimentação das famílias, bem como para a estabilidade econômica e estabilidade. Os quintais podem ser considerados sustentáveis (Fernandes e Nair, 1986; Alcorn, 1990) por ser uma das formas mais antigas de manejo da terra (AMARAL E NETO, 2008). Existem outros benefícios dos quintais como: seqüestro de carbono conservação de espécies nativas e produção de alimento para consumo familiar a baixo custo (BLANCKAERT et al., 2004; KUMAR; NAIR, 2004).

Os demais ambientes são menos explorados, no brejo coleta-se apenas o *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schtdl.) Micheli.

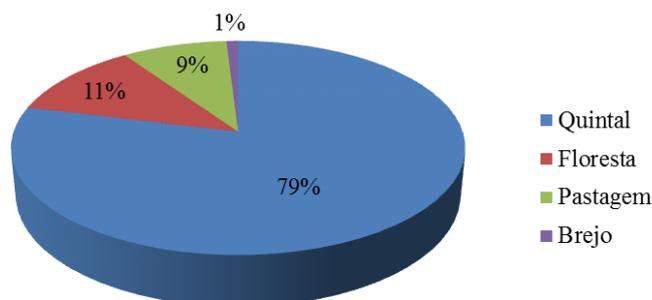


Gráfico 4 - Locais de coleta de plantas medicinais dos entrevistados.

5.4 DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS

O levantamento etnofarmacológico permitiu a identificação botânica de 92 plantas medicinais, sendo 89 em nível de espécie, num total de 46 famílias botânicas (Tabela 2). A Tabela 2 apresenta as espécies levantadas, em ordem de frequência de citação por família, com suas origens, nome popular, hábito e número de tombo.

Tabela 2 - Plantas medicinais utilizadas pela população da comunidade São Bento obtidas por levantamento etnofarmacológico, organizadas de acordo com a frequência de citação dentro da categoria de família mais frequente.

Família	Nome científico/Origem	Nome popular	Frequência	Hábito	Voucher
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert (Europa)	“Camomila”	3,4%	H	62370
	<i>Baccharis trimera</i> (Less)DC (Brasil)	“Carqueja”	2,5%	H	62806
	<i>Artemisia absinthium</i> L. (Europa, Ásia, África)	“Losna”	2,5%	H	
	<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex Sweet (Ásia)	“Macelinha”	1,7%	H	63248
	<i>Tanacetum parthenium</i> L. Sch. Bip. (Grécia, Albânia)	“Artemísio”	1,3%	H	62371
	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H. Rob. (Brasil)	“Assa peixe”	0,8%	Ao	61705
	<i>Vernonia</i> sp. (Brasil)	“Assa peixe do reino”	0,8%	Ao	

Família	Nome científico/Origem	Nome popular	Frequência	Hábito	Voucher
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng (Brasil/Mata Atlântica)	“Guaco”	0,8%	T	62375
	<i>Ageratum conyzoides</i> (L.) L. (América Tropical)	“São João”	0,8%	H	61709
	<i>Achillea millefolium</i> L. (Europa)	“Pronto alívio”	0,8%	H	
	<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd. (Brasil)	“Cipó cabeludo”	0,4%	T	61703
	<i>Lactuca sativa</i> L. (Ásia)	“Alface”	0,4%	H	
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze (Brasil/Mata Atlântica)	“Antibiótico da horta”	0,4%	H	62801
	<i>Bidens pilosa</i> L. (América Tropical)	“Picão”	0,4%	H	61701
	<i>Gnaphalium spicatum</i> Lam. (Brasil)	“Erva da lua”	0,4%	H	61702
	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass. (África)	“Necroton”	0,4%	Aa	63240
	<i>Sonchus oleraceus</i> (L.) L. (Brasil)	“Serralha”	0,4%	H	63888
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen (América do Sul)	“Arnica”	0,4%	H	62367
Lamiaceae	<i>Plecthrantus barbatus</i> Andrews (Nova Guiné)	“Boldo”	5%	H	61696
	<i>Leonurus sibiricus</i> L. (China)	“Mané turé”	5%	H	61687
	<i>Mentha pulegium</i> L. (Europa, Ásia, Arábia)	“Poejo”	4,6%	H	61706
	<i>Mentha spicata</i> L. (Europa)	“Hortelã”	3%	H	61710
	<i>Glechoma hederacea</i> L. (Europa e Ásia)	“Erva terrestre”	1,3%	H	
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr. (América do Sul)	“Boldo do chile”	0,8%	H	
	<i>Mentha sp.</i> (Europa)	“Elevante”	0,8%	H	
	<i>Ocimum basilicum</i> L. (Ásia)	“Manjericão branco”	0,8%	H	
	<i>Ocimum gratissimum</i> L. (Oriente)	“Alfavaca”	0,4%	H	
	<i>Peltodon radicans</i> Pohl (Brasil/Mata Atlântica)	“Hortelã do mato”	0,4%	H	63258
	<i>Ocimum basilicum var. purpurascens</i> Benth. (Oriente)	“Manjericão roxo”	0,4%	H	
	<i>Melissa officinalis</i> L. (Europa)	“Erva cidreira”	0,4%	H	
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L. (Europa Meridional)	“Arruda”	3,8%	H	61682
	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck (Ásia)	“Limão”	3%	Aa	62377
	<i>Citrus x aurantium</i> L. (Ásia)	“Laranja”	2,5%	Aa	61700
	<i>Citrus medica</i> L. (Ásia)	“Laranja da terra”	0,8%	Aa	
	<i>Citrus reticulata</i> (Ásia)	“Mexerica”	0,8%	Aa	62804
	<i>Citrus x limetta</i> Risso (Ásia)	“Lima”	0,4%	Aa	63021
Piperaceae	<i>Piper umbellatum</i> L. (Brasil/Mata Atlântica)	“Capeva”	0,8%	H	63009
	<i>Piper arboreum</i> Aubl (Brasil)	“Jaborandi”	0,4%	H	63004
	<i>Piper sp.</i> (Brasil/Mata Atlântica)	“Jaborandi”	0,4%	H	63284
	<i>Piper aduncum</i> L. (Brasil/Mata Atlântica)	“Ruão”	0,4%	H	
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. (América Central)	“Chuchu”	2,1%	T	61683
	<i>Sechium sp.</i> (América Central)	“Chuchu branco”	0,4%	T	
	<i>Apodanthera smilacifolia</i> Cong. (Brasil)	“Cipó azogre”	0,4%	T	
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L. (América do Sul)	“Goiaba”	0,8%	Aa	61693
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill. (Tasmânia)	“Eucalipto”	0,8%	Aa	62799
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels (Indomálasia, China e Antilhas)	“Jamelão”	0,4%	Aa	
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. (Europa)	“Funcho”	4,6%	H	61681

Família	Nome científico/Origem	Nome popular	Frequência	Hábito	Voucher
	<i>Anisium odoratum</i> Raf. (Ásia)	“Erva doce”	0,8%	H	
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L. (Índia, África)	“Mamona”	0,8%	Ao	61697
	<i>Phyllanthus niruri</i> L. (Regiões Paleotropicalis)	“Quebra pedra”	0,4%	H	62374
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L. (Europa e Brasil)	“Transagem”	1,7%	H	61708
	<i>Scoparia dulcis</i> L. (América Tropical)	“Vassourinha de Nossa Senhora”	0,4%	H	61690
Bignoneaceae	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum. (Brasil/Mata Atlântica)	“Cinco folhas”	1,3%	Aa	63309
	<i>Doxantha unguis-cati</i> (L.) Miers (Brasil)	“São Domingo”	0,4%	H	
Amarathaceae	<i>Pfaffia paniculata</i> (Mart.) Kuntze (Brasil)	“Suma”	0,4%	T	
	<i>Amaranthus viridis</i> L. (Caribe)	“Cariru mijão”	0,4%	H	61679
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf (Ásia)	“Erva cidreira de capim”	3%	H	61685
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill) N.E.Br (Brasil/Mata Atlântica)	“Erva cidreira”	3,4%	H	61684
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L. (Ásia)	“Romã”	1,3%	Aa	61686
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L. (México e Peru)	“Chaga”	0,8%	H	62365
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw. (Brasil/Mata Atlântica)	“Erva lagarto”	1,7%	Aa	63241
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L. (Países Mediterrâneos)	“Rosa branca”	1,3%	Ao	61689
Leguminosae	<i>Stryphodendron adstrigens</i> (Mart.) Cariell (Brasil)	“Barbatimão”	0,8%	Aa	
Crassulaceae	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC. (México)	“Baspo”	1,3%	H	63251
Menispermaceae	<i>Cissampelos pareira</i> L. (Brasil/Mata Atlântica)	“Buta branca”	0,4%	T	
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill. (América Central)	“Abacate”	1,3%	Aa	61694
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L. (Japão e China)	“Ameixa amarela”	0,8%	Aa	62805
Lygodiaceae	<i>Lygodium volubile</i> SW. (Brasil/Mata Atlântica)	“Abre caminho”	0,4%	H	63291
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L. (América Central e Caribe)	“Mamão”	0,8%	Aa	62808
Chenopodiaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants (América Tropical)	“Erva de Santa Maria”	0,4%	H	62372
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc. (Brasil/Mata Atlântica)	“Cipó mili homi”	0,4%	T	
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul (Brasil/Mata Atlântica)	“Embaúba”	0,8%	Aa	63267
Polygonaceae	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx. (Europa)	“Erva de bicho”	0,8%	H	
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe (Índia)	“Gengibre”	0,4%	H	
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L. (Índia)	“Algodão”	0,4%	Ao	61688
Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp. (Brasil/Mata Atlântica)	“Maracujá”	0,8%	T	
Crassulaceae	<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC. (Brasil)	“Saião”	0,8%	H	
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> (Ásia)	“Banana”	0,4%	H	
Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schtdl. (Brasil/Mata Atlântica)	“Barbaço”	0,4%	H	63276
Convolvulaceae	<i>Ipomea batatas</i> (L.) Lam. (América)	“Batata doce”	0,4%	H	63313
Fabaceae	<i>Bauhinia cheilantha</i> Bong. (Steud.) (China)	“Pata de vaca”	0,4%	Aa	61699
Alliaceae	<i>Allium fistulosum</i> L. (Ásia e China)	“Cebolinha”	0,4%	H	
Borraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L. (Europa e Ásia)	“Confrei”	0,4%	H	
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw. (Brasil)	“Cana de macaco”	0,4%	H	61695
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli (América)	“Chapéu de couro”	0,4%	H	61691

Família	Nome científico/Origem	Nome popular	Frequência	Hábito	Voucher
Moraceae	<i>Ficus carica</i> L. (Ásia)	“Figo”	0,4%	Aa	62369
Burseraceae	<i>Commiphora abyssinica</i> (Engl.) Engl. (Somália)	“Incenso”	0,4%	Ao	63304
Cactaceae	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran (Brasil/Mata Atlântica)	“Mês de maio”	0,4%	H	
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L. (Brasil)	“Guiné”	0,4%	H	62376
Araceae	<i>Pistia stratiotes</i> L. (América Tropical)	“Santa Luzia”	0,4%	H	62366
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L. (Brasil)	“Quina”	0,4%	Aa	
Rubiaceae	<i>Bigelovia verticillata</i> (L.) Spreng. (América)	“Vassourinha de São José”	0,4%	H	63293

*H = Herbácea, T = Trepadeira, Ao = Arbusto e Aa = Arbórea.

As espécies mais frequentes foram: *Leonurus sibiricus* L. (FR= 5%), *Plecthrantus barbatus* Andrews (FR= 5%), *Foeniculum vulgare* Mill. (FR= 4,6%), *Mentha pulegium* L. (FR= 4,6%) e *Ruta graveolens* L. (FR= 3,8%). As famílias botânicas predominantes foram Asteraceae (18 espécies), Lamiaceae (12 espécies), Rutaceae (6 espécies), Piperaceae (4 espécies), Cucurbitaceae (3 espécies) e Myrtaceae (3 espécies) foram as mais citadas, as demais apresentaram 2 ou uma espécie. Assim como os estudos de Brito e Brito (1993), Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel (2007) e Conde (2012), Asteraceae e Lamiaceae foram as famílias mais representativas. Observou-se uma alta ocorrência de espécies de origem europeia no levantamento realizado, também observada por Begossi et al. (2002), Rezende e Cocco (2002), Guarin Neto e Morais (2003), Souza e Felfili (2006), Pinto et al. (2006), Brasileiro et al. (2008) e Conde (2012).

Das 92 plantas identificadas 62% são herbáceas, 21,7% são arbóreas, 9,8% são trepadeiras e 6,5% são arbustivas. A predominância de espécies herbáceas também foi observada por Coelho-Ferreira (2000). Entre as arbóreas, as coletadas exclusivamente em quintais foram: *Acmella ciliata* (Kunth) Cass., *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, *Citrus X limetta* Risso, *Psidium guajava* L., *Syzygium cumini* (L.) Skeels, *Punica granatum* L., *Carica papaya* L., *Bauhinia cheilantha* Bong. (Steud.) e *Ficus carica* L. As coletadas exclusivamente na mata foram: *Eucalyptus globulus* Labill., *Casearia sylvestris* Sw., *Stryphodendron adstrigens* (Mart.)Cariell, *Cecropia pachystachya* Trécul e *Quassia amara* L. Porém, *Citrus limon* (L.)Burm.f., *Citrus reticulata*, *Sparattosperma leucanthum* (Vell.) K. Schum., *Persea americana* Mill. e *Ximenia americana* L. podem ser coletadas tanto no quintal quanto na mata.

Devido à distribuição espaçada da comunidade em meio à vegetação local, supõe-se que o cultivo de espécies arbóreas nativas seria uma forma de conservação das mesmas, visto que as residências possuem bastante espaço para tal prática e assim o extrativismo dessas espécies não seria drástico. Em seu estudo realizado na Índia, Depommier (2003) ressalta a importância de árvores de uso múltiplo inseridas em sistemas agroflorestais, visto que essas espécies possuem papéis importantes como: manutenção da fertilidade do solo, conservação da água, paisagismo, alimentação, forragem, lenha e madeira, além das suas propriedades medicinais.

Entre as 32 plantas nativas do Brasil, 16 são nativas do bioma Mata Atlântica e dentre essas apenas *Schlumbergera truncata* (Haw.) Moran está ameaçada de extinção, sendo considerada vulnerável pela Fundação Biodiversitas e classificada com dados insuficientes pelo Ministério de Meio Ambiente segundo Stehmann et al. (2009). As nativas são: *Mikania glomerata* Spreng, *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze, *Peltodon radicans* Pohl, *Piper umbellatum* L., *Piper* sp., *Piper aduncum* L., *Sparattosperma leucanthum* (Vell.) K. Schum., *Lippia alba* (Mill) N.E.Br, *Casearia sylvestris* Sw., *Cissampelos pareira* L., *Lygodium volubile* SW., *Aristolochia cymbifera* Mart. & Zucc., *Cecropia pachystachya* Trécul, *Schlumbergera truncata* (Haw.) Moran, *Passiflora* sp. e *Buddleja stachyoides* Cham. & Schltdl.

Observou-se pouca interação entre plantas nas receitas relatadas pelos entrevistados, o que difere este estudo dos resultados encontrados por Rodrigues e Carlini (2003b) e Rodrigues (2006), pois a utilização de um grande número de plantas em uma única prescrição ou receita é comum entre os quilombolas. O mesmo comportamento foi observado em ribeirinhos por Amorozo e Gély(1988). No estudo realizado por Rodrigues e Carlini (2003b) com os índios Krahô e o Quilombo Mata-Cavalos em Mato Grosso, foi observado o uso de até 10 plantas diferentes em uma mesma receita, enquanto que entre os Krahô apenas uma planta por receita.

Conforme a Tabela 2 verificam-se utilizações de plantas exóticas principalmente, o que ressalta vulnerabilidade da diversidade local, porém mantendo a possibilidade de sustentabilidade da comunidade com o hábito do cultivo dos recursos terapêuticos. Das 92 espécies levantadas, apenas quatro tem origem africana e apenas 32 são nativas. De acordo com Barros (1993), os africanos recém-chegados ao Brasil Colonial passaram a utilizar plantas nativas e exóticas, como espécies de origem europeia e asiática, no lugar das plantas de seus países de origem visto que não dispunham mais delas, o que resultou na heterogeneidade do conhecimento.

A parte mais utilizada das plantas foram folhas (30,5%), assim como nos estudos de Amorozo e Gély (1988) e Vendruscolo (2004), apesar disso observou-se também o uso de casca de caule (5%), caule (10,2%) e raiz (23,8%), o que pode danificar as árvores e torná-las vulneráveis, comprometendo a diversidade florística local. De acordo com Pilla et al. (2006), a retirada comedida das folhas permite o uso sustentável das espécies medicinais, pois não impede que a planta se reproduza e se desenvolva, proporcionando um caráter conservacionista ao uso desses recursos. Também foram citados usos de outras partes da planta como fruto (13,5%), flor (8,5%) e semente (8,5%).

5.5 COINCIDÊNCIA CIENTÍFICA E EPIDEMIOLOGIA

Foi realizado um confronto entre literatura científica e conhecimento popular sobre as plantas medicinais mais importantes para a comunidade segundo a frequência de citação, onde foram selecionadas as três espécies mais citadas dentro de 13 categorias de doenças segundo Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10, 2013). Das 30 espécies em estudo apenas dez não foram confirmadas mediante literatura científica referente a testes pré-clínicos, quanto aos usos principais apresentados na Tabela 3, sendo que três se referem a Síndromes ligadas à cultura. As espécies ainda não confirmadas apresentam-se como potenciais para estudos farmacológicos, demonstrando o potencial de estudos na área de recursos terapêuticos naturais.

Tabela 3 - Categorias de doenças mais frequentes seguidas das espécies mais frequentes dentro das mesmas.

Categorias, número de espécies citadas e frequência	Família/Espécie/Nome popular	Frequência por categoria	Parte utilizada	UVS	Uso principal	CUPe	Coincidência quanto literatura científica
Doenças do aparelho respiratório (27 e 24%)	Lamiaceae/ <i>Mentha pulegium</i> L./ “Poejo”	12%	Folhas	0,58	“Gripe”	75,3%	Apresenta atividade antibacteriana, podendo auxiliar no tratamento dos sintomas da gripe [1].
	Lamiaceae/ <i>Lippia alba</i> (Mill) N.E.Br/ “Erva cidreira”	9,33%	Folhas	0,42	“Gripe”	58,6%	Apresenta atividade contra dor e anti-inflamatória, podendo auxiliar no tratamento dos sintomas da gripe [2].
	Rutaceae/ <i>Citrus aurantium</i> L./ “Laranja”	8%	Folhas e raiz	0,16	“Gripe”	17,0%	Apresenta atividade anti-inflamatória e antioxidante, podendo auxiliar no tratamento dos sintomas da gripe [3]. Referência encontrada para o gênero <i>Citrus</i> .
Doenças do aparelho digestivo (24 e 20,8%)	Lamiaceae/ <i>Leonurus sibiricus</i> L./ “Mané turé”	13,85%	Folhas	0,26	“Dor de barriga”	16,7%	Apresenta atividade analgésica, antiinflamatória, atividade antibacteriana, e antimicrobiana [4,5,6].
	Lamiaceae/ <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews/ “Boldo”	13,85%	Folhas	0,68	“Problemas de fígado”	17,5%	Apresenta potencial terapêutico para algumas doenças do fígado [7].
	Asteraceae/ <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscher/ “Camomila”	7,69%	Folhas	0,63	“Problema de estômago”	33,5%	Apresenta atividades sedativas e ansiolíticas, podendo auxiliar no tratamento dos sintomas e dores no estômago [8]. É importante ressaltar que a confirmação científica é relativa à atividade das flores.
Doenças do aparelho circulatório (20 e 11,5%)	Lamiaceae/ <i>Leonurus sibiricus</i> L./ “Mané turé”	13,8%	Folhas	0,26	“Pressão alta”	16,7%	Não encontrado.
	Cucurbitaceae/ <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw./ “Chuchu”	13,8%	Folhas	0,26	“Pressão alta”	42,0%	Apresenta atividade anti-hipertensiva [9].
	Asteraceae/ <i>Baccharis trimera</i> (Less)DC/ “Carqueja”	8,3%	Planta toda	0,63	“Pressão alta”	16,7%	Não encontrado.
Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte (22 e 10,2%)	Asteraceae/ <i>Achillea millefolium</i> L./ “Pronto alívio”	12,5%	Folhas	0,05	“Dor”	36,4%	Apresenta atividade analgésica [10].
	Lamiaceae/ <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews/ “Boldo”	12,5%	Folhas	0,68	“Ressaca”	17,5%	Apresenta potencial terapêutico para algumas doenças do fígado [7].
	Rutaceae/ <i>Citrus limon</i> (L.)Burm.f./ “Limão”	6,25%	Fruto	0,47	“Rouquidão”	24,9%	Apresenta atividade anti-inflamatória e antioxidante, podendo ser eficaz no tratamento de doenças relacionadas com a garganta [3]. Referência encontrada para o gênero <i>Citrus</i> .
Algumas doenças infecciosas e parasitárias (13 e 4,1%)	Lamiaceae/ <i>Mentha spicata</i> L./ “Hortelã”	23%	Folhas	0,47	“Verme”	24,9%	Apresenta atividade anti-helmíntica [11]. Referência encontrada para outra espécie do mesmo gênero.
	Amaranthaceae/ <i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants ./ “Erva de Santa Maria”	15,3%	Folhas	0,11	“Lombrigueiro, mata pulga”	8,0%	Apresenta atividade giardicida e anti-leishmaniose [12].
	Asteraceae/ <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze/ “Antibiótico da horta”	7,6%	Folhas	0,05	“Antibiótico”	8,0%	Apresenta atividade cicatrizante [13].

Categorias, número de espécies citadas e frequência	Família/Espécie/Nome popular	Frequência por categoria	Parte utilizada	UVS	Uso principal	CUPe	Coincidência quanto literatura científica
Doenças do sistema nervoso (8 e 4,8%)	Apiaceae/ <i>Foeniculum vulgare</i> Mill./ “Funcho”	33,3%	Folhas	0,74	“Calmante”	41,8%	Apresenta atividade calmante [14], anti-inflamatória, analgésica [15] e carminativa [16].
	Poaceae/ <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf/ “Erva cidreira de capim”	20%	Folhas	0,42	“Calmante”	41,4%	Apresenta atividade ansiolítica e sedativa [17].
	Asteraceae/ <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert/ “Camomila”	13,3%	Folhas	0,63	“Calmante”	33,5%	Apresenta atividades sedativas e ansiolíticas [8]. É importante ressaltar que a confirmação científica é relativa à atividade das flores.
Doença cultural (7 e 4,4%)	Rutaceae/ <i>Ruta graveolens</i> L./ “Arruda”	42,85%	Folhas	0,68	“Mau olhado”	50,0%	Não encontrado.
	Lygodiaceae/ <i>Lygodium volubile</i> SW./ “Abre caminho”	14,28%	Folhas	0,11	“Mau olhado, descarrego”	8,0%	Não encontrado
	Euphorbiaceae/ <i>Ricinus communis</i> L./ “Mamona”	14,28%	Talo, Caule e Semente	0,21	“Cobreiro”	17,0%	Não encontrado.
Doenças do aparelho geniturinário (9 e 4,1%)	Asteraceae/ <i>Tanacetum parthenium</i> L. Sch Bip/ “Artemísio”	15,38%	Folhas	0,11	“Regular menstruação, inflamação de útero”	8,3%	Apresenta atividade anti-inflamatória e antinociceptiva [18].
	Simaroubaceae/ <i>Quassia amara</i> L./ “Quina”	7,69%	Casca	0,05	“Cisto no útero”	8,0%	Apresenta atividade antifertilidade [19].
	Asteraceae/ <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert/ “Camomila”	7,69%	Folhas	0,63	“Cólica menstrual”	33,5%	Apresenta atividades sedativas e ansiolíticas [8]. É importante ressaltar que a confirmação científica é relativa à atividade das flores.
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (4 e 3,2%)	Asteraceae/ <i>Baccharis trimera</i> (Less) DC/ “Carqueja”	40%	Planta toda	0,63	“Diabetes, emagrecer”	16,7%	Apresenta atividade antidiabética [20] e pode auxiliar no tratamento da obesidade [21].
	Alismataceae/ <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli/ “Chapéu de couro”	10%	Folhas	0,05	“Diabetes”	8,0%	Não encontrado.
	Fabaceae/ <i>Bauhinia cheilantha</i> Bong. (Steud.)/ “Pata de vaca”	10%	Folhas	0,05	“Diabetes”	8,0%	A espécie <i>Bauhinia forficata</i> Link apresenta atividade antioxidante sendo útil na prevenção de complicações diabéticas. Entretanto, a <i>B. cheilantha</i> pode estar sendo utilizada erroneamente pela comunidade [22].
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários (6 e 2,8%)	Menispermaceae/ <i>Cissampelos pareira</i> L./ “Buta branca”	22,2%	Caule	0,16	“Depurativo, anemia”	8,0%	Apresenta atividade antioxidante, podendo auxiliar no tratamento dos sintomas da anemia [23].
	Alismataceae/ <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli/ “Chapéu de couro”	22,2%	Folhas	0,05	“Depurativo”	8,0%	Apresenta potencial para atividade antinociceptiva e anti-inflamatória [24].

Categorias, número de espécies citadas e frequência	Família/Espécie/Nome popular	Frequência por categoria	Parte utilizada	UVS	Uso principal	CUPc	Coincidência quanto literatura científica
	Tropaeolaceae / <i>Tropaeolum majus</i> L./ “Chaga”	22,2%	Flor e Folhas	0,26	“Anemia”	17,0%	Não encontrado.
Doenças da pele e do tecido subcutâneo (4 e 2,2%)	Tropaeolaceae / <i>Tropaeolum majus</i> L./ “Chaga”	28,57%	Flor e Folhas	0,26	“Sarna, coceira na pele”	17,0%	Apresenta atividade antibacteriana [25].
	Borraginaceae/ <i>Symphytum officinale</i> L./ “Confrei”	14,28%	Folhas	0,05	“Ferida na pele”	8,0%	Não encontrado.
	Amarathaceae/ <i>Pfaffia paniculata</i> (Mart.) Kuntze/ “Suma”	14,28%	Raiz	0,11	“Furúnculo”	8,0%	Aumenta a atividade fagocitária, sugerindo que o uso desta planta seria eficaz no tratamento de doenças relacionadas à inflamação [26].
Lesões, envenenamentos e algumas outras conseqüências de causas externas (5 e 2,2%)	<i>Polygonaceae/ Polygonum hydropiperoides</i> Michx./ “Erva de bicho”	28,57%	Folhas	0,11	“Machucado”	8,5%	Apresenta atividade antimicrobiana [27].
	Rosaceae/ <i>Rosa alba</i> L./ “Rosa branca”	14,28%	Flores	0,21	“Ferida na boca”	8,3%	Apresenta atividade antibacteriana e antifúngica [28].
	Lamiaceae/ <i>Mentha spicata</i> L./ “Hortelã”	14,28%	Folhas	0,47	“Machucado”	24,9%	Apresenta atividade anti-inflamatória [29].
Outros (4 e 1,9%)	Plantaginaceae/ <i>Plantago major</i> L./ Transagem	33,3%	Planta toda	0,21	“Inflamação”	24,7%	Apresenta atividade anti-inflamatória [30].
	Scrophulariaceae/ <i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltdl./ “Barbaço”	16,6%	Raiz	0,05	“Inflamação”	8,0%	Não encontrado.
	Lamiaceae/ <i>Peltodon radicans</i> Pohl/ “Hortelã do mato”	16,6%	Folhas	0,05	“Inflamação”	8,0%	Não encontrado.

*Valor de Uso para a espécie (UVs), porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais (CUP), porcentagem de Concordância corrigida quanto aos Usos Principais (CUPc) e confirmação farmacológica.

[1] Erhan et al. (2012), [2] Haldar et al. (2012), [3] Helmersson, et al. (2009), [4] Islam et al. (2005), [5] Ahmed et al. (2006), [6] Pin e Abdullah (2011), [7] Maioli et al. (2010), [8] Viola et al. (1995), [9] Gordon et al. (2000), [10] Nouredini e Rasta (2008), [11] Naranjo et al. (2006), [12] Neiva et al. (2011), [13] Barua et al. (2009), [14] Kishore et al. (2012), [15] Choi e Hwang (2004), [16] Alexandrovich et al. (2003), [17] Almeida Costa et al. (2011), [18] Jain e Kulkarni (1999), [19] Raji e Bolariwa (1997), [20] Oliveira (2005), [21] Soicke e Leng-Peschlow (1987), [22] Khalil et al. (2008), [23] Amresh et al. (2007), [24] Dutra et al. (2006), [25] Zanetti et al. (2003), [26] Pinello et al. (2006), [27] Toribio et al (2012), [28] Carvalho et al. (2008), [29] Arumugam et al. (2008), [30] Hetland et al. (2000).

Segundo o critério do Valor de Uso (UV), o número de usos mencionados para uma planta demonstra a versatilidade daquela espécie para a comunidade. Portanto, calculou-se o UV, apresentado na Tabela 3 e que destaca: *Foeniculum vulgare* Mill., *Plecthrantus barbatus* Andrews, *Ruta graveolens* L., *Baccharis trimera* (Less)DC, *Chamomilla recutita* L. As plantas com maior UV poderão ser utilizadas no tratamento de mais doenças, sendo incentivadas em futuros plantios, numa ação de resgate e retorno das informações para a comunidade, podendo ainda ser corroboradas por confirmação científica, caso esse resgate seja conduzido pelo meio acadêmico. Até o momento estas plantas já se encontram na cartilha a ser retornada à população, na qual encontram-se também plantas com baixo UV, mas que são de uso frequente mesmo que para apenas uma enfermidade. Espera-se a difusão dessas plantas para todas as casas após a distribuição das cartilhas.

Também foram relatadas Síndromes ligadas à cultura, como “mau olhado”, “cobreiro”, “descarrego” e “quebrante”, em ordem decrescente de número de citações. Essa categoria de doença é denominada pela CID-10, e abrange as “doenças da alma e do espírito” que possuem sintomas aparentes, são manifestações interpretadas como doenças, porém as causas relatadas não possuem explicação científica e nem denominação na medicina ocidental, visto que o meio científico possui limitações que impedem de interpretar tais manifestações.

A seguir, essas doenças serão descritas de acordo com os relatos dos entrevistados. O mau olhado é causado pela inveja de outras pessoas e seus sintomas são “fraqueza”, “deixar as coisas caírem no chão muitas vezes”, “tropeçar” e outros acontecimentos ruins que ocorrem em um curto período de tempo. O cobreiro é uma irritação na pele causada pelo contato com a pele de cobras e sapos, pois esses animais possuem um “mal” que assim se manifesta no corpo humano. O descarrego é um banho utilizado para “descarregar o corpo das energias negativas, do mau olhado e de espíritos ruins”. Os sintomas do quebrante são: “fraqueza”, “cocô verde” e irritação, e é causado pela inveja sobre uma criança pequena.

As categorias de doenças que apresentaram maior número de citação de espécies foram: doenças do aparelho respiratório e as doenças do aparelho digestivo, respectivamente. Amorozo (2002), Di Stasi et al. (2002), Pinto et al. (2006), Monteles e Pinheiro (2007) e Meyer et al. (2012), também encontraram resultados semelhantes em seus estudos. Quando foram abordados quanto às pessoas que mais adoecem na comunidade, 70% dos entrevistados citaram serem as mulheres; 9% indicaram serem as crianças, 27% adultos e 64% idosos. Em relação às principais afecções, de acordo com o CID-10, selecionou-se as principais doenças citadas pelos entrevistados, como mostra a Tabela 4, sendo as doenças do sistema circulatório

as mais citadas pelos entrevistados com destaque para Hipertensão, corroborando o estudo de Conde (2012). O CID-10 fornece as respectivas doenças, sendo que, na Tabela 4, são apresentadas apenas aquelas mais citadas em cada categoria, ou seja, destacam-se a hipertensão, diabetes, gripe, dores musculares e colesterol alto.

Estes dados superficiais de epidemiologia deveriam, por coerência do uso da comunidade, interagir com as plantas medicinais elencadas como preferenciais (Tabela 3). Com frequência de 2,1% encontrou-se *Sechium edule* (Jacq.) Sw. com validação da literatura consultada para hipertensão e para diabetes encontrou-se *Baccharis trimera* (Less)DC com frequência de 2,5% (Tabela 3). Portanto, o conhecimento tradicional desta comunidade coincide com resultados encontrados em estudos científicos sobre essas doenças específicas, podendo ainda ser utilizado por profissionais de saúde em programas de fitoterapia.

Foi observado um grande consumo de açúcar e sal assim como outros hábitos alimentares que podem sugerir a causa dessas doenças, levando-se em conta que o acompanhamento médico de tais enfermidades também pode ter dado uma notoriedade para as mesmas ao responder as perguntas acima. Porém, como se observou na lista de doenças obtida a partir das finalidades de uso das plantas citadas, o destaque foi para gripe, sendo citadas 21 espécies para a cura de tal doença, corroborando os estudos de Silva e Proença (2007) onde encontraram 16 espécies e observaram que a baixa umidade relativa do ar no período do inverno pode estar relacionada à ocorrência de doenças respiratórias.

Ainda na Tabela 3, os maiores valores de CUPc foram encontrados para *Mentha pulegium* L., *Lippia alba* (Mill) N.E.Br e *Ruta graveolens* L, respectivamente. Os valores da porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais (CUPc) também estão representadas na Tabela 3. Quanto maior o valor da CUPc para cada uma das espécies, maior é o número de informantes que citou o uso principal para a espécie, ou seja, maior a concordância da população na indicação daquele uso principal. Portanto, houve uma maior concordância de citação entre os entrevistados para essas espécies, podendo sugerir, assim como Vendruscolo e Mentz (2005), que as mesmas podem ser espécies promissoras para estudos farmacológicos de acordo com o uso citado pela comunidade.

Tabela 4 - Porcentagem de citações para cada categoria de doenças e doença mais citada em cada categoria com respectivas porcentagens dentro da mesma.

Categorias	Porcentagem de citações (n=19)	Doença mais citada dentro da categoria	Porcentagem de citações da doença mais citada
Doenças do sistema circulatório	53,3%	Hipertensão	93,75%
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	30%	Diabetes	100%
Doenças do aparelho respiratório	13,3%	Gripe	100%
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	3,3%	Dores musculares e nas costas	100%
Doenças do sistema circulatório	3,3%	Colesterol alto	100%

5.6 TROCA DE SABERES

A atividade intitulada “Troca de Saberes” com toda a comunidade São Bento. Esse evento auxiliou na construção do histórico da comunidade bem como na confecção da cartilha utilizada como retorno e contou com a participação de uma equipe multidisciplinar. Além disso, foram coletados relatos orais por mídia visual sobre a história da comunidade e fotografias que irão compor o banco de dados da mesma no Laboratório de Botânica Aplicada e Etnobotânica da UFJF.

5.7 CARTILHA E APOIO POLÍTICO-ORGANIZACIONAL

A cartilha será doada para a comunidade e possui as 23 plantas mais citadas pelos entrevistados, além de uma ficha com as seguintes informações: nome popular, nome científico, família, descrição, usos medicinais, parte utilizada e confirmação científica. Além

dessas informações foi apresentada uma breve introdução sobre conhecimento tradicional, em seguida conceituou-se o termo Quilombolas e fez-se uma breve descrição da situação atual dos quilombos no Brasil. Foi apresentado também um histórico da comunidade São Bento e as características gerais da mesma.

O tema “retorno” para as comunidades tradicionais vem sendo discutido ao longo de muitos anos por vários autores como Alexiades (1996) e Sieber e Albuquerque (2010). “Discutir o ‘retorno’ das investigações é pensar sobre ciência, sobre as bases epistemológicas e os valores que conduzem a nossa prática como cientistas e cidadãos”, conforme Albuquerque et al. (2010). Portanto, é necessário que o pesquisador tenha discernimento e compreensão da realidade da comunidade para definir a melhor e mais apropriada forma de retorno, além de ter a consciência de que essa contribuição pode ser importante para a comunidade e desencadear um processo de transformação local (ALBUQUERQUE et al., 2010). Segundo os mesmos autores, esses materiais podem estimular discussões e ações para melhorar as condições de vida da comunidade.

No dia 18/01/2014, foi realizada uma reunião com o objetivo de começar a discutir e esclarecer dúvidas sobre a constituição de uma Associação Comunitária da Comunidade de São Bento e esta se encontra na fase de execução. Nesta reunião, foi votado o nome da associação e nomes dos representantes para os cargos de Presidente, Vice-presidente, Tesoureiro e Secretário.



Figura 4 - Primeira reunião de constituição da Associação Comunitária da Comunidade de São Bento. Em destaque: 1- Alberto Nascimento (Presidente), 2- Carmem de Jesus Silva (Vice-Presidente), 3- Rosenilda Nascimento (Tesoureira), 4- Maria Roseli da Silva Reis (Secretária) e 5- Executora da pesquisa com a ata da primeira reunião. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 5 - Apuração dos votos da eleição para os cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro da Associação Comunitária da Comunidade de São Bento. Fonte: Acervo Pessoal.

5 CONCLUSÃO

As plantas medicinais ainda são o recurso terapêutico preferencialmente utilizado na comunidade quilombola São Bento, porém esse uso é concomitante ao uso de medicamentos alopáticos. Conclui-se, portanto, que a comunidade passa por um momento de transformação em que tradições culturais convivem com novos hábitos vindos da sociedade urbana.

Os entrevistados possuem grande conhecimento sobre os recursos medicinais, com destaque para as plantas exóticas, porém, ainda mantem relação com as plantas nativas da vegetação do entorno. Entre as plantas medicinais mais citadas pela comunidade, nem todas possuem estudos científicos que comprovem sua eficácia quanto ao uso analisado. Isto reforça a importância do presente trabalho no fornecimento de subsídios para futuros estudos farmacológicos.

O presente estudo foi o primeiro a relatar e caracterizar a área da comunidade, portanto será uma fonte de contribuição para futuros estudos em qualquer área, como por exemplo antropologia, etnozologia, etnobotânica e etc, visto que a região possui um potencial muito grande para ser estudado ainda.

Acredita-se que o retorno através da cartilha poderá auxiliar a documentação do histórico e caracterização da comunidade, visto que esta sempre foi marginalizada e ignorada pelo poder público. O trabalho como um todo deu mais voz e vez à comunidade no sentido de: visibilidade pública, já que apenas a presença da UFJF chamou bastante atenção para um grupo esquecido pela prefeitura de Santos Dumont, e conhecimento de seus direitos e oportunidades, embora existam várias medidas do governo que beneficiam os quilombolas essa comunidade especificamente não tinha conhecimento disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SÁBER. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Atelie Editorial, 2003.

AB' SÁBER, A. N. **Ecosistemas do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2008.

AHMED, F.; ISLAM, M. A.; RAHMAN, M. M. Antibacterial activity of *Leonurus sibiricus* aerial parts. **Fitoterapia**, v. 77, p. 316-317, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e Biodiversidade**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005b.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005a.

ALBUQUERQUE, U. P. Plantas medicinais e mágicas comercializadas nos mercados públicos do Recife-PE. **Ciência e Trópico**, v. 25, n. 1, p. 7-15, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B.; MARINS, J. F. A. **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas para a coleta de dados. In: _____.(Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R. E.; Reis, S. von (eds). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. London: Chapman & Hall, 1995. p. 3-39.

ALEXANDROVICH, I. et al. The effect of fennel (*Foeniculum vulgare*) seed oil emulsion in infantile colic: a randomized, placebo-controlled study. **Alternative Therapies. In Health And Medicine**, v.9, p. 58-61, 2003.

ALEXIADES, M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden, 1996.

ALMEIDA COSTA, C. A. R. et al. The GABAergic system contributes to the anxiolytic-like effect of essential oil from *Cymbopogon citratus* (lemongrass). **Journal of Ethnopharmacology**, v.137, p. 828- 836, 2011.

AMARAL, C. N.; NETO, G. G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Mediciniais. In: DI STATSI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 16, p. 189-204, 2002.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, p. 47-131, 1988.

AMRESH, G.; RAO, C. V.; SINGH, P. N. Antioxidant activity of *Cissampelos pareira* on benzo(a)pyrene-induced mucosal injury in mice. **Nutrition Research**, v. 27, 625-632, 2007.

ARUMUGAM, P. et al. Anti-inflammatory activity of four solvent fractions of ethanol extract of *Mentha spicata* L. investigated on acute and chronic inflammation induced rats. **Environmental Toxicology and Pharmacology**, v. 26, n. 1, p. 92-95, 2008.

ARRUDA, R. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidade de conservação. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 2, p. 79-92, 1999.

BARROS, J. F. P. **O segredo das folhas – sistema de classificação de vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1993.

BARUA, C. C. et al. Wound healing activity of methanolic extract of leaves of *Alternanthera brasiliana* Kuntz using *in vivo* and *in vitro* model. **Indian of Journal Experimental Biology**, v. 47, p. 1001-1005, 2009.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the atlantic forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. **Human Ecology**, v. 30, p. 281-299, 2002.

BERKES, F. et al. Exploring the basic ecological unit: Ecosystem-like concepts in traditional societies. **Ecosystems**, v. 1, p. 409-415, 1998.

BLANCKAERT I. et al. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlán, Valley of Tehuacán, Mexico. **Journal of Arid Environments**, v. 57, p. 39-62, 2004.

BOSCOLO, O. H. **Estudos Etnobotânicos em área de Mata Atlântica, nas comunidades de Galdinópolis e Rio Bonito, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil**. 2011. 512 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2011.

BRASIL. **Artigo 68 do seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, 1988**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigobd.asp?item=%202105>. Acesso em: 05 jan. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 2.519 de 16 de março de 1998**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2519.htm. Acesso em : 25 jan. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003: Art. 2º**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 05 jan. 2013.

BRASILEIRO, B. G. et al. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, p. 629-636, 2008.

BRITO, A. R. M.; BRITO, A. A. S. Forty years of Brazilian medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 39, p. 53-67, 1993.

BRUHN, J; HOLMSTEDT, B. Ethnopharmacology, objectives, principles and perspectives. In: J. L. BEAL; E. REINHARD. **Natural products as Medicinal Agents**, Hippokrates Verlag, Stuttgart, 1981, p. 405-430.

CARLINI, E. A. Pesquisas com plantas brasileiras usadas em medicina popular. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 29, n. 5/6, p. 109-110, 1983.

CARVALHO, A. H. O. et al. Verificação de atividade antimicrobiana de extratos de plantas silvestres. **Revista Eletrônica de Biologia**, v. 1, p. 2-7, 2008.

CID-10. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde**. Disponível em: <http://www.cid10.com.br/>. Acesso em: 07 jan. 2013.

CHOI, E.; HWANG, J. Antiinflammatory, analgesic and antioxidant activities of the fruit of *Foeniculum vulgare*. **Fitoterapia**, v. 75, p. 557- 565, 2004.

COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia brasileira)**. 2000. 259 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2000.

CONDE, B. E. **Etnofarmacologia no entorno do Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, como subsídio para a implantação de horto medicinal comunitário**. 2012. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Pós-Graduação em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

DIEGUES, A. C. S. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Hucitec, 2000.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 1998.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA, USP, 2001.

DI STASI, L. C. et al. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**, v. 73, p. 69-91, 2002.

DUQUE-BRASIL, R. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, v. 2, p. 287–297, 2011.

DUQUE-BRASIL. et al. Etnoecologia e retomada de territórios tradicionais vazanteiros no Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais. **Revista Ouricuri**, v. 3, n. 2, p. 89-105, 2013.

DUTRA, R. C. et al. Investigação das atividades analgésica e anti-inflamatória do extrato metanólico dos rizomas de *Echinodorus grandiflorus*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16, n.4, p. 469-474, 2006.

ERHAN, M. K.; BOLUKBASI, S. C.; URUSAN, H. Biological activities of pennyroyal (*Mentha pulegium* L.) in broilers. **Livestock Science**, v. 146, p. 189-192, 2012.

ETKIN, N. L., ELISABETSKY, E: Seeking a transdisciplinary and culturally germane science: The future of ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology**, v.100, p. 23-26, 2005.

FONSECA-KRUEL, V. S. et al. **Plantas úteis da restinga: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006.

FONSECA-KRUEL, V. S. F.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, p. 177-190, 2004.

FORD, R. I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: R.I. FORD; M. HODGE; W. L. MERRIL (eds.). **The nature and status of ethnobotany**. Annals of Arnold Arboretum. Michigan: Museum of Anthropology, University of Michigan. Anthropological Papers, v. 67, p. 33-49. 1978.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais Botucatu**, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation. **Ambio**, v. 22, p. 119-123, 1993.

GARCIA, D.; DOMINGUES, M. V.; RODRIGUES, E. Pesquisa etnofarmacológica entre os migrantes que vivem na Mata Atlântica do sudeste de Diadema, São Paulo, Brasil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 6, n. 29, 2010.

GORDON, E. A.; GUPPY, L. J.; NELSON, M. The antihypertensive effects of the Jamaican Cho-Cho (*Sechium edule*). **West Indian Medical Journal**, v. 49, p. 27-31, 2000.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, p. 561-584, 2003.

HALDAR, S. et al. In vivo antinociceptiva e anti-inflamatório atividades de *Lippia alba*. **Asian Pacific Journal of Tropical Disease**, v. 2, p. 667-670, 2012.

HANAZAKI, N. Conhecimento caiçara para o manejo dos recursos naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P. et al (Org.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p. 17-25.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: Begossi, A. (ed.) **Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2004. p. 37-57.

HANAZAKI, N. et al. **Etnobotânica Caiçara no litoral paulista**. São Carlos: RiMa, 2007.

HELMERSSON, J. et al. Low dietary intake of beta-carotene, alpha-tocopherol and ascorbic acid is associated with increased inflammatory and oxidative stress status in a Swedish cohort. **British Journal of Nutrition**, v. 12, p. 1775-82, 2009.

HETLAND, G. et al. Protective Effect of *Plantago major* L. Pectin Polysaccharide against Systemic Streptococcus pneumoniae Infection in Mice. **Scandinavian Journal of Immunology**, v. 52, p. 348-355, 2000.

IBAMA. **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2013.

IN CRA. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Governo Federal**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/>. Acesso em: 05 fev. 2012.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Dossiê Mata Atlântica 2001. **Projeto Monitoramento Participativo da Mata Atlântica**. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/publicacoes/54.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 23 jan. 2013.

ISLAM, M. A. et al. Analgesic and anti-inflammatory activity of *Leonurus sibiricus*. **Fitoterapia**, v. 76, p. 359-362, 2005.

JAIN, N. K.; KULKARNI, S. K. Antinociceptive and anti-inflammatory effects of *Tanacetum parthenium* L. extract in mice and rats. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 68, p. 251-259, 1999.

KHALIL, M. N.; PEPATO, M. T.; BRUNETTI, I. L. Free Radical Scavenging Profile and Myeloperoxidase Inhibition of Extracts from Antidiabetic Plants: *Bauhinia forficata* and *Cissus sicyoides*. **Biol Res**, v. 41, p. 165-171, 2008.

KISHORE, R. N. Evaluation of anxiolytic activity of ethanolic extract of *Foeniculum vulgare* in mice model. **International Journal of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences**, v. 4, p. 584-586, 2012.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. P. The enigma of tropical homesteads. **Agroforestry Systems**, v. 61, p. 135-152, 2004.

LEITE, I. B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Rev. Estud. Fem**, v. 16, n. 3, 2008.

LIMA, R. X. **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de Guaraqueçaba, Paraná-Brasil**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

LIPP, F. J. Methods for ethnopharmacological field work. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 25, p. 139-150, 1989.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 03 fev. 2013.

Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org>>. Acesso em: 08 março 2014.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2 ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.

MAIOLI, M. A. et al. Iron chelating-mediated antioxidant activity of *Plectranthus barbatus* extract on mitochondria. **Food Chemistry**, v. 122, p. 203-208, 2010.

MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, p. 263-275, 2007.

MARTINELLI, G.; MORAES, M. A. (OGS). **Livro vermelho da flora do Brasil.** 1 ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013.

MELLO e SOUZA, M. D. Catolicismo negro no Brasil: santos e *minkisi*, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, p. 125-146, 2002.

MENDONÇA-FILHO, R. F. W.; MENEZES, F. S. Estudo da utilização de plantas medicinais pela população da Ilha Grande-RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 13, p. 55-58, 2003.

MEYER, L.; ESEMANN, K.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 3, p. 258-266, 2012.

MMA. **Convenção sobre Diversidade Biológica, 2000.** Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/arquivos/cdbport_72.pdf. Acesso em: 14 março 2013.

MMA. **Convenção sobre Diversidade Biológica: ABS. Tema Conhecimentos Tradicionais, 2012.** Disponível em: http://www.mma.gov.br/images/publicacoes/patrimonio_genetico/Cartilhas%20Informativas%20sobre%20ABS%2004%20-%20Conhecimentos%20Tradicionais.pdf. Acesso em: 14 março 2013.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 2, n. 7, p. 38-48, 2007.

MOREIRA, R. C.T. et al. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmaceutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-11, 2002.

NARANJO, J. D. L. P. et al. Actividad antiparasitaria de una decocción de *Mentha piperita* Linn. **Revista Cubana de Medicina Militar**, v. 35, n. 3, 2006.

NAZARETH, H. D. G.; FERNANDES, R. L. S. A questão fundiária na comunidade quilombola remanescente: um estudo das relações educativas no Quilombo de Santana. **Revista África e Africanidades**, Ano 2, n. 6, 2009.

NEGRI, E.; RODRIGUES, E. Essential oils found in the smoke of “tira-capeta”, a cigarette used by some quilombolas living in pantanal wetlands of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, n. 3, p. 310-316, 2010.

NEIVA, V. A et al. Estudos pré-clínicos de atividade giardicida de *Chenopodium ambrosioides* L. e a padronização dos extratos na pesquisa e desenvolvimento de fitoterápicos. **Revista Ciência & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 155-165, 2011.

NOUREDDINI, M.; RASTA V-R. Analgesic Effect of Aqueous Extract of *Achillea millefolium* L. on Rat's Formalin Test. **Pharmacologyonline**, v. 3, p. 659-664, 2008.

OAKLEY, E. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, p. 37-39, 2004.

OLIVEIRA, A. C. P. Effect of the extracts and fractions of *Baccharis trimera* and *Syzygium cumini* on glycaemia of diabetic and non-diabetic mice. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 102, n. 3, p. 465-469, 2005.

OLIVERA, D. R. et al. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **Acta Amazonica**, vol. 41, n. 3, p. 383-392, 2011.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypothesis tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, p. 15-32, 1993.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PIN, C. H.; ABDULLAH, A. Penentuan Aktiviti antimikrob herba kacangma erva-macaé. **Sains Malaysiana**, v. 40, p. 879-885, 2011.

PINELLO, K. C et al. Effects of *Pfaffia paniculata* (Brazilian ginseng) extract on macrophage activity. **Life Sciences**, v. 78, n. 12, p. 1287-1292, 2006.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 751-762, 2006.

POSEY, D. A. Introdução a Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, D. (Edit), **Suma Etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987. p. 15-25.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today? **Journal of Ethnopharmacology**, v. 32, p. 209-216, 1991.

PRANCE, G.T. et al. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazonia. **Conservation Biology**, v.1, p. 296-310, 1987.

PRIMACK, R. B. **Essentials of Conservation Biology**. Sunderland, MA: Sinauer & Associates, 1993.

RAJI, Y.; BOLARINWA, A. F. Antifertility activity of *Quassia amara* in male rats - *In vivo* study. **Life Sciences**, v. 61, n. 11, p. 1067-1074, 1997.

REZENDE, H. Á.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 36, p. 282-288, 2002.

RIOS, M. et al. **Benefícios da plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Pará, Amazônia Brasileira**. Belém: CIFOR, 2001.

ROBINSON, M.H. Existem alternativas à destruição? In: WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 455-461.

ROBINSON, M. M.; ZHANG, X. **Traditional Medicines: Global situation, issues and challenges**. The World Medicines Situation, 2011. Disponível em: <http://digicollection.org/hss/documents/s18063en/s18063en.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

ROCHA, C. F. D. et al. **A biodiversidade nos grandes remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro e nas Restingas da Mata Atlântica**. São Carlos: RiMa Ed, 2003.

RODRIGUES, E. Plants and Animals Utilized as Medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon. **Phytotherapy Research**, v. 20, p. 378-391, 2006.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. L. A. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, v.1, n. 2, p. 80-87, 2003a.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. Possíveis Efeitos sobre o Sistema Nervoso Central de Plantas Utilizadas por Duas Culturas Brasileiras (quilombolas e índios). **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, v. 1, n. 3, 2003b.

SCHARDONG, R. M. F.; CERVI, A. C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica**, v. 29, p. 187-217, 2000.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e territórios nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, v. 10, 2002.

SCHULTES, R. E. Ethnopharmacological Conservation: A key to progres in medicine. **Acta Amazonica**, v. 18, n. 1, 393-406, 1988.

SCHULTES, R. E. The role of ethnobotanist in the search for new medicinal plants. **Lloydia**, v. 25, p. 257-266, 1962.

SEBRAE-MG. **Diagnóstico Municipal**. Santos Dumont, 1999.

SIEBER, S. S.; ALBUQUERQUE, U. P. Métodos participativos na pesquisa etnobiológica. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C. (Org.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: NUPEEA, 2010. p. 83-106.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 2, p. 481-492, 2008.

SOICKE, H.; LENG-PESCHLOW, E. Characterization of flavonoids from *Baccharis trimera* and their antihepatotoxic properties. **Planta Medica**, v. 53, p. 37-39, 1987.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região do Alto paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 135-142, 2006.

STEHMANN, J. R. et al. **Plantas da Floresta Atlântica**. Rio de Janeiro, 2009.

The Plant List. Disponível em: <http://www.theplantlist.org/>. Acesso em: 10/03/2014.

TORIBIO, M. S. et al. Actividad antibacteriana y ensayos de toxicidad aguda y subaguda de *Polygonum hidropiperoides*. **Investigación Veterinaria**, v. 14, n. 1, 2012.

VENDRUSCOLO, G.S. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. 2004. 276 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Programa de Pós-Graduação em Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, n. 4, p. 361-372, 2005.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 367-382, 2006.

VIOLA, H. et al. Apigenin, a component of *Matricaria recutita* flowers, is a central benzodiazepine receptors-ligand with anxiolytic effects. **Planta Medica**, v. 3, p. 213-216, 1995.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010.

ZANETTI, G. D. et al. Toxicidade Aguda e Atividade Antibacteriana dos Extratos de *Tropaeolum majus* L. **Acta Farmaceutica Bonaerense**, v. 22, n. 2, p. 159-62, 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Cartaz do evento KIZOMBA NAMATA realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Fonte: <http://www.ufjf.br/proex/2012/09/27/kizomba-namata-abertas-inscricoes-para-encontro-de-comunidades-quilombolas>



Anexo 2 - Programação do evento KIZOMBA NAMATA. Fonte: <http://www.ufjf.br/proex/2012/09/27/kizomba-namata-abertas-inscricoes-para-encontro-de-comunidades-quilombolas/>

PROGRAMAÇÃO

26/10/2012
 18:00H - 18:30H: RECEPÇÃO COM BATUQUE AFRO-BRASILEIRO DE NELSON SILVA.
 18:30H - 19:00H: MESA DE ABERTURA.
 19:00H - 20:00H: DOCUMENTÁRIO: ENDREITA MUNDO - A MARCHA AOS QUILOMBOS.
 20:00H - 21:20H: PALESTRA "CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TERRITÓRIO (ADERVAL COSTA FILHO - UFMG)
 21:30H - 22:30H: COQUETEL, APRESENTAÇÃO DO GRUPO PENEIRANDO ÁGUA E EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA (FILIPE MATIAS).

27/10/2012
 8:00H - 9:30H: APRESENTAÇÃO DAS COMUNIDADES.
 9:30H - 10:00H: PALESTRA - APOIO ESTUDANTIL AOS QUILOMBOS (PRO-REITORA MARIA ELIZABETE DE OLIVEIRA - UFJF).
 10:00H - 10:30H: CAFÉ MINEIRO
 10:30H - 12:00H: I MESA REDONDA - QUILOMBOS: DIREITO AO TERRITÓRIO OU TERRITÓRIO DE DIREITOS? (MARIA JOSÉ - COLÔNIA DO PAIOL, TONINHO CANECAO - SÃO JOSÉ, LUCI RODRIGUES - INCRA, LEONARDO ALVES - UFJF).
 13:30H - 14:30H: II MESA REDONDA - QUILOMBOS: PROCESSOS DE TERRITORIZAÇÃO (IDR. ADERVAL FILHO - UFMG; LEONARDO CARNEIRO - UFJF)"
 14:30H - 18:30H: INTERAÇÃO E VIVÊNCIA ENTRE AS COMUNIDADES COM CAFÉ MINEIRO

28/10/2012
 8:30H - 9:30H: CONFECÇÃO E APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTO FINAL SOBRE O ENCONTRO.
 9:30H - 12:00H: ENCERRAMENTO: "PANORAMA E DESAFIOS DA QUESTÃO QUILOMBOLA" (RENATO EMERSON DOS SANTOS - UERJ).
 13:00H - 14:00H: FECHAMENTO CENTRO DE VIVÊNCIA DA UFJF

CAMPUS UFJF
 PALESTRAS ANFITEATRO DO ANTIGO ICH - UFJF
 APRESENTAÇÕES ESPAÇO CENTRAL DAS PRO-REITORIAS
 KIZOMBANAMATA@HOTMAIL.COM
 32 2102 3268 | 32 2102 3108

Anexo 3 – Autorização no site:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=16555&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>

BRASIL

IPHAN INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Início Contato
Mapa Intranet

IPHAN PATRIMÔNIO CULTURAL BENS TOMBADOS E REGISTRADOS GESTÃO PUBLICAÇÕES EDITAIS E SELEÇÕES

Principal » Patrimônio Cultural » Patrimônio Imaterial » Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético » Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

buscar - A+

Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

O Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação nº. 279, de 20/09/2011, de acordo com a Medida Provisória nº. 2.186 -16, de 23/08/2001, o Decreto nº. 3.945, de 28/09/2001, e demais normas atinentes, concedeu as seguintes autorizações de acesso a Conhecimento Tradicional Associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica:

2013

Autorização nº 001/2013
 Processo nº.: 01450.010839/2012-62 – Rito ordinário
 Instituição de origem: Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
 Projeto de pesquisa: "Estudo Etnobotânico em Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira"
 Comunidade envolvida: Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, Colônia do Paiol, São Sebastião da Boa Vista e São Bento/MG
 Localização: Municípios de Divino, Bias Fortes e Santos Dumont /MG
 Coordenador: Daniel Sales Pimenta – UFJF
 Pesquisadores: Bruno Esteves Conde, Izabela Taiana Salazar Rogério, Aline Moreira de Siqueira e Mônica Ferreira de Britto Lyra
 Status: Autorizado em 08/02/2013
 Validade: 03/2014
 Publicação DOU - UFJF - Processo nº 01450.010839/2012-62

Saiba Mais

- ▲ Agenda
- ▲ Bancos de Dados
- ▲ Bibliotecas do IPHAN
- ▲ Blogs do IPHAN
- ▲ Cadastro Nacional de Negociantes de Antiguidades e Obras de Arte
- ▲ Concurso IPHAN
- ▲ Editais e Seleções
- ▲ Legislação
- ▲ Links Patrimônio Cultural
- ▲ Notícias
- ▲ Perguntas Frequentes
- ▲ Sistema Nacional do Patrimônio Cultural
- ▲ Transparência Pública


EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
 Nº 1012/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000178201358. Objeto: Continuação da artista Betiz Goes do Espírito Santo, para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 17 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000178/2013-58 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMÉLIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 01.472.044/0001-87 CARLOS HA MILTON MARTINS FELTRIN - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
 Nº 1013/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000171201336. Objeto: Contratação do artista Jair Rodrigues Melo de Oliveira "Jair de Oliveira", para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 21 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000171/2013-36 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMÉLIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 08.741.133/0001-20 RCS PRODU COES ARTISTICAS E CINEMATOGRAFICAS LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
 Nº 1014/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000172201381. Objeto: Contratação do artista Luis de França Guilherme de Castro Filho "Luis Castro", para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 25 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000172/2013-81 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMÉLIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 01.374.871/0001-38 LUNIC PROD UCOES LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
 Nº 1015/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000169201367. Objeto: Contratação da cantora Jussara Maria Silveira Ferreira, em artes Jussara Silveira, para realizar uma apresentação no Espaço Brasil, no âmbito do evento Ano do Brasil em Portugal, na cidade de Lisboa/Portugal, no dia 15 de fevereiro de 2013. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000169/2013-67 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMÉLIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 05.778.530/0001-89 GUTORI/OCC O PRODUCOES CULTURAIS LTDA - ME.

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 5/2013 - UASG 403201

Número do Contrato: 41/2011.
 Nº Processo: 01530001055/11-00.
 PREGÃO SISPP Nº 41/2011 Contratante: FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES FUNARTE/CNPJ Contratado: 00729160000176. Contratado: SPOT REPRESENTACOES E SERVICOS -LTD.A. Objeto: As partes resolvem alargar o prazo de vigência estabelecido no item 7.1 da cláusula sétima do contrato ora aditado, passando a sua vigência a se encerrar em 28 de fevereiro de 2013. Fundamento Legal: Lei nº 8.666/93. Vigência: 01/02/2013 a 28/02/2013. Data de Assinatura: 31/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
EXTRATO DE CONVÊNIO

Espécie: Convênio Nº 778691/2012. Conventos: Concedente: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, Unidade Gestora: 423003. Gestor: 42207. Conveniente: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CNPJ nº 94.235.330/0001-00. Elaborar a documentação básica para possibilitar a posterior obra de restauração e ampliação do Museu Júlio de Castilhos. Essa documentação consiste no levantamento arquitetônico, análises de reboco, pintura e fundação, diagnóstico do estado físico, projeto executivo de restauração e ampliação do museu, memorial descritivo, planilha orçamentária, levantamento fotográfico e cronograma-físico financeiro. Além disso, a instalação de uma rede elétrica provisória, dando conta do isolamento para gramíneas dos demais sítios. Valor Total: R\$ 325.837,31. Valor de Contratação: R\$ 70.000,00. Crédito Orçamentário: FIDES: 47052. Fonte: Recurso: 0118033902, ND: 33304. Num. Empenho: 2012NE800392. Vigência: 2012/2012 a 02/08/2013. Data de Assinatura: 20/12/2012. Signatários: Concedente: JOSE DO NASCIMENTO JUNIOR, CPF nº 085.318.508-92. Conveniente: LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL E SILVA, CPF nº 006.456.560-20.

(SICON(PORTAL) - 07/02/2013)

MUSEU DA REPÚBLICA
AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 1/2013 - UASG 343041

Nº Processo: 01437000825201217. Objeto: Pregão Eletrônico - Contratação de pessoa jurídica especializada, para prestação de serviços contínuos de suporte de apoio administrativo para atender às necessidades do Museu da República, de acordo com o Termo de Referência Anexo 1. Total de Itens Licitados: 00001. Edital: 08/02/2013 de 11h00 as 14h00 e de 14h as 17h00. Endereço: Rua do Catete, 153 - Catete - Rio de Janeiro - RJ. Entrega das Propostas: a partir de 08/02/2013 as 11h00 no site www.comprasnet.gov.br. Abertura das Propostas: 28/02/2013 as 11h00 no site www.comprasnet.gov.br. Informações Gerais: Maiores informações, contactar o Sr Rogério Maurílio Alecrim Rezende no telefone (21)3235-5113.

ROGERIO MAURILIO ALECRIM REZENDE
 Presidente da Comissão Permanente de Licitação

(SIDEC - 07/02/2013) 423002-42207-2013NE800010

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL
AVISO DE AUTORIZAÇÃO

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação CGEN/MMA nº 279, de 20 de setembro de 2011, publicada no DOU de 9 de novembro de 2011, de acordo com a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001, o Decreto nº 3.945, de 28 de setembro de 2001, e demais normas atinentes, concede AUTORIZAÇÃO de Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético, para fins de pesquisa científica, a Universidade

SUPERINTENDÊNCIA NO AMAPÁ
EXTRATO DE CONTRATO Nº 7/2012 - UASG 343041

Nº Processo: 01424000031201294.
 TOMADA DE PREÇOS Nº 1/2012 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. CNPJ Contratado: 0680233/000146. Contratado: ESTILO NACIONAL LTDA - EPP. Objeto: Serviços especializados para elaboração inventário nacional das referências culturais do Maranhão do Amapá, de modo a subsidiar a formulação e execução de Plano de Salvaguarda em elaboração de um dossiê para encaminhamento de proposta de registro do referido bem, como Patrimônio Cultural do Brasil. Fundamento Legal: Tomada de Preço com vício no Art. 22, II da Lei 8.666/93. Vigência: 21/12/2012 a 07/12/2013. Valor Total: R\$198.178,56. Fonte: 100000000 - 2012NE800083. Data de Assinatura: 21/12/2012.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 1/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 1/2012.
 Nº Processo: 01424000106201156.
 PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. CNPJ Contratado: 03110313000190. Contratado: MARIA RODRIGUES DA SILVA - EPP. Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: APO00084/2012, conforme previsto nas cláusulas do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$18.327,60. Fonte: 100000000 - 2012NE800005. Data de Assinatura: 02/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 2/2012.
 Nº Processo: 01424000106201156.
 PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. CNPJ Contratado: 03110313000190. Contratado: MARIA RODRIGUES DA SILVA - EPP. Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: APO00084/2012, conforme previsto nas cláusulas nona e décima primeira do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$28.260,60. Fonte: 100000000 - 2012NE800011. Data de Assinatura: 02/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2012 - UASG 343041

Número do Contrato: 4/2012.
 Nº Processo: 01424000106201156.
 PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. CNPJ Contratado: 03110313000190. Contratado: MARIA RODRIGUES DA SILVA - EPP. Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: APO00084/2012, conforme previsto nas cláusulas nona e décima primeira do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$28.260,60. Fonte: 100000000 - 2012NE800004. Data de Assinatura: 31/12/2012.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 3/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 5/2012.
 Nº Processo: 0142400010201114.
 TOMADA DE PREÇOS Nº 2/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. CNPJ Contratado: 34927285000122. Contratado: INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ES. Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 90 (noventa) dias. Fun-



QUESTIONÁRIO: ETNOFARMACOLOGIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Comunidade:		Aplicador:	Nome do entrevistado:		Idade:	Data:
Ocupação:	Sexo: M()/F()	Religião: Católico()/Umbandista() Outros():_____	Nascido na comunidade: Sim()/ Não()		Escolaridade: Analf.()/ Ens. Fund.()/ Médio()/ Sup.()	
Com quem aprendeu sobre as plantas medicinais:	Recomenda plantas medicinais? Sim()/ Não()	A quanto tempo recomenda plantas medicinais?	Com qual frequência as pessoas te procuram para consultas informais?	Quem são as pessoas que mais adoecem na comunidade: Idoso() adulto() criança() Mulher () Homem()	Quais os problemas de saúde mais comuns na comunidade:	
Alguém aprendeu a utilizar plantas com o (a) senhor (a): Sim()/ Não () Quem: _____ Quantos: _____	Além das plantas, utilizam algum animal ou mineral como remédio? Sim ()/ Não () O que: _____		Utiliza remédios industrializados: Sim ()/ Não ()		Em relação às plantas medicinais os remédios industrializados apresentam efeito: Maior ()/ Igual ()/ Menor ()	
Têm acesso ao sistema formal/ pública de saúde? Sim ()/ Não ()	Confia no sistema formal de saúde? Sim ()/ Não ()	Utiliza o sistema formal de saúde? Sim ()/ Não ()	Com qual frequência vai ao médico:	Informa ao médico sobre o uso de plantas Medicinais Sim ()/ Não ()	Qual é a opinião do médico sobre o uso de plantas medicinais: A favor ()/ Contra ()/ Não opinou ()	
Utiliza algum ritual para cura: Sim ()/ Não ()		Caso faça rituais, utiliza plantas? Sim ()/ Não ()	Têm algum guia espiritual? Sim()/ Não() Quem:		Demais informações relevantes:	

Anexo 4 – Termo compromisso da pesquisa com a comunidade.

Termo de Consentimento

Nome do Projeto: Produção de plantas medicinais e fitoterapia em municípios do entorno de Juiz de Fora/MG.

Objetivo: Estudo Etnobotânico de Plantas medicinais em comunidades Quilombolas

Nome do Responsável: Daniel Sales Pimenta

O estudo de que você está prestes a participar é parte de uma série de estudos sobre o conhecimento que você tem e o uso que você faz das plantas de sua região para medicina e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. É um estudo amplo, que tem vários participantes, sendo coordenado pelo Laboratório de Anatomia Vegetal - Departamento de Botânica no ICB da Universidade Federal de Juiz de Fora. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas e registros de imagem e som quando permitido, sem riscos de causar prejuízo aos participantes, exceto um possível constrangimento com as nossas perguntas ou presença. Caso você concorde em tomar parte nesse estudo, será convidado a participar de várias tarefas, como entrevistas, listar as plantas que você conhece e usa da região, ajudar os pesquisadores a coletar essas plantas, mostrar, se for o caso, como você as usa no seu dia a dia. Todos os dados coletados com sua participação serão organizados de modo a proteger a sua identidade. Concluído o estudo, não haverá maneira de relacionar seu nome com as informações que você nos forneceu. Qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. Você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso concorde em participar, assine por favor seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

Data: __/__/__

Assinatura do participante ou impressão dactiloscópica

Assinatura do(s) pesquisador (es): _____

Assinatura da(s) testemunha(s): _____